

A mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão)¹

João Carlos Caninas*, Francisco Henriques* e João Luis Cardoso**

*Associação de Estudos do Alto Tejo (www.altotejo.org) e Plataforma de Estudos Arqueológicos do Médio Tejo.

**Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

Resumo

Em 2000-2001 foi efectuada uma escavação arqueológica na mamoa da Charneca das Vinhas, por determinação do Instituto Português de Arqueologia, na sequência de um alerta lançado pela Associação de Estudos do Alto Tejo quanto ao risco da sua destruição por povoamento florestal.

O monumento situa-se a 359 m de altitude, em posição sobranceira ao vale do Tejo, no bordo de um trecho da superfície culminante, em forma de mesa, da *Formação de Falagueira*, consistindo em areias e conglomerados do Placenciano-Gelasiano (Pliocénico). Esta formação assenta por discordância angular em rochas metamórficas argilificadas do Grupo das Beiras (Pré-Câmbrico e Câmbrico).

A mamoa da Charneca das Vinhas é um pequeno *tumulus* com cerca de 11 m de diâmetro e menos de 1 m de altura. A escavação arqueológica revelou estrutura maioritariamente constituída por material areno-argiloso, capeada com uma couraça pétrea (metagrauvaques, filitos, quartzo e quartzito), dispendo de um anel de contenção periférica e tendo no interior uma câmara de planta indeterminada, de que restou um único esteio completo, e um provável corredor com trecho final aéreo.

¹ Tema apresentado na 2ª Reunião de Pré-História do Tejo Interior, em Maio de 2009, em Romangordo (Cáceres). Versão publicada na Revista Portuguesa de Arqueologia. Paginação editada pelos autores.

O conjunto artefactual recolhido no decurso da intervenção, numeroso e diversificado do ponto de vista tipológico, ocupava maioritariamente a câmara, a parte final do corredor e a zona adjacente à entrada no monumento, voltada a SE. A cerâmica é o item mais representativo, logo seguida, em termos quantitativos, pelas pontas de seta, sendo estas exclusivamente de base côncava. A cerâmica, embora com larga repartição pelo espaço investigado, parece concentrar-se na câmara, enquanto os elementos de pedra lascada, sobretudo pontas de seta e lâminas/lamelas, dominam os sectores adjacentes à entrada do monumento. Os instrumentos de pedra polida, tal como as peças afeioadas (domentes e moventes de mós manuais), estão escassamente representados e ocorrem sobretudo no exterior do monumento.

Este espólio indica que o monumento foi contruído em momento avançado do Calcolítico e evidencia comércio transregional principalmente com a região do Baixo Tejo, e Alto Alentejo, indicando que este território ocupou uma posição chave na rota do rio Tejo, entre a região da Estremadura, na parte ocidental da Península, e a parte Sul da Meseta.

Abstract²

In 2000-2001, archaeological excavations were carried out at the mound of Charneca das Vinhas, on the initiative of the Portuguese Archaeology Institute. The immediate motive was an alert issued by the Upper Tagus Study Association that the monument was at risk of destruction due to afforestation schemes.

The monument is located at an elevation of 359 m (metre) overlooking the Tagus valley, at the edge of a “mesa”-shaped Falagueira formation. This unit consists of sands and gravels (Pliocene) and overlies, by an angular discordance, the metamorphic basement that comprises the Beiras Group (Pre-Cambrian and Cambrian).

The *tumulus* at Charneca das Vinhas is a small tumulus of around 11 m in diameter and less than 1 m high. The archaeological excavation revealed a *tumulus* constructed mostly in clay-sand material, topped with a carapace of metagreywackes, phyllites, quartz and quartzite boulders and cobbles, a peripheral contention ring and an inner chamber of indeterminate ground plan, of which the only thing that remains is a single complete standing stone and what is probably a passage with its final stretch in the open air.

The artefacts collected during the intervention, which were numerous and diverse in type, were found mainly in the chamber, at the end part of the corridor and in the area adjacent to the entrance, facing southeast. Ceramic objects were most prevalent, followed (in quantitative terms) by arrowheads, which were exclusively concave-based. The ceramics, though scattered widely over the excavated area, seem to

² A tradução para inglês é de Karen Benett e autores.

have been concentrated in the chamber, while the flake stone tools, particularly arrowheads and other blades, were found predominantly in the sectors adjacent to the entrance. Stone tools, are scarce and occur mostly outside the monument.

These remains suggest that this monument was built quite advanced in the Chalcolithic. Moreover, it also provides evidence of transregional commerce mostly with the Lower Tagus river region, and Upper Alentejo, further indicating that this territory occupied a key position in the river route of the Tagus, linking the Estremadura region, in the western part of the Peninsula, with the south meseta region.

Introdução

A mamoa da Charneca das Canas foi identificada em 1984, no decurso da prospeção arqueológica da freguesia de Fratel, área que corresponde à parte mais ocidental do município de Vila Velha de Ródão, tendo sido referenciada com o topónimo *Pequenos de Vilar de Boi* (Henriques & alii, 1986), passando a designar-se mais tarde com o nome *Charneca das Vinhas*. Nessa época a sua visualização era muito deficiente devido à densa cobertura arbustiva que cobria o monumento, a par do pinhal que ocupava o planalto onde fora construída.

Cerca de 15 anos mais tarde ocorreu um incêndio florestal em extensa área da citada freguesia tendo percorrido a Charneca das Vinhas (fig. 1), expondo a totalidade do monumento bem como a sua área envolvente. Foi possível verificar que se tratava de um montículo bem destacado acima do solo, muito regular mas com profunda cratera de violação, no espaço interno, onde teria existido o contentor funerário, estando igualmente rasgado na direcção nascente, em posição compatível com o desenvolvimento de um corredor.

Apesar da degradação patenta no espaço funerário, no qual não se observavam ortóstatos, a estrutura monticular apresentava bom estado de conservação, pelo que se temeu que o repovoamento florestal da área, onde decorriam operações de corte de madeira ardida, pudesse destruir o *tumulus*. Deste modo, foi alertada a Câmara Municipal para o risco referido, bem como o Instituto Português de Arqueologia. Determinou este organismo de tutela que deveria ser efectuada uma escavação arqueológica, para caracterização do monumento, por “*ser manifestamente insuficiente qualquer medida de protecção que não passe pela prévia escavação arqueológica, com carácter de emergência.*”

A intervenção arqueológica ali efectuada, cujos resultados só agora se apresentam, foi autorizada em nome do primeiro dos signatários (João Caninas) que a assegurou, juntamente com Francisco Henriques e João Luís Cardoso (este último apenas na fase inicial da mesma), e decorreu, de modo descontínuo, de

Abril de 2000 a Novembro de 2001. Os desenhos de campo relativos às plantas são de Bernardo L. Ferreira. As fotografias foram tiradas por João Caninas e Francisco Henriques. O estudo dos materiais é da responsabilidade de João Luís Cardoso, exceptuando o artefacto de cunho ritual, sendo os respectivos desenhos da autoria de Bernardo L. Ferreira. Os trabalhos de escavação contaram com a participação dos senhores Amílcar Dias Gonçalves e João Martinho Nifra, de Vila Velha de Ródão, e de três alunos da Universidade Aberta.

Os trabalhos, desenvolvidos no quadro das actividades da Associação de Estudos do Alto Tejo e integrados no projecto de investigação *Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português*, foram viabilizados com o apoio financeiro e o apoio logístico da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão e do Instituto Português de Arqueologia, por decisão do seu presidente e do sub-director, respectivamente, Eng^o Vítor Carmona e Eng^o António Monge Soares, a quem se agradece o apoio prestado.

1. Localização e enquadramento geomorfológico

A Charneca das Vinhas localiza-se no interior de um extenso enclave de configuração sub-triangular, fechado por duas depressões fluviais, o rio Tejo, no lado SE, e o rio Ocreza, no lado W, e um relevo quartzítico a NE, a Serra das Talhadas (fig. 2). Este território é sobranceiro à fase terminal de encaixe do rio Tejo no maciço antigo, e algumas dezenas de quilómetros a jusante o curso daquele rio passa a ocupar um amplo vale aluvial (Cunha *et al.*, 2005, 2008).

O monumento situa-se no bordo sul da mais setentrional plataforma detrítica de topo aplanado, em forma de *mesa*, existente no interior daquele território, a uma altitude de 359 m. Além desta formação refira-se a existência de mais quatro áreas de idêntica natureza (geológica e morfológica), sendo também pontos culminantes do território de Fratel, excluindo a crista quartzítica. Estas quatro áreas, a Charneca de Vilar de Boi, a Charneca de Fratel, a Charneca de Janome e o Cabeço da Velha, oferecem, identicamente, vestígios arqueológicos pré-históricos (Henriques, Caninas & Chambino, 2008; Cardoso & *alii*, 1998; Soares, 1988), tanto ao nível do *habitat* como das arquitecturas funerárias (mamoas).

A designação como *charnecas* das quatro plataformas de maior extensão, entre as quais se inclui a das Vinhas, pode derivar, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, da natureza do substrato geológico, uso do solo e vegetação associada, “*vegetação xerófila que cresce nas regiões incultas e arenosas*”.

Quanto à inserção geológica (fig. 3) o monumento situa-se sobre trecho da *Formação de Falagueira*, consistindo em areias e cascalheiras do Pliocénico (Cunha, 1996; Cunha *et al.*, 2005); esta formação

assenta em discordância angular sobre o substrato metamórfico do Grupo das Beiras (Pré-Câmbrico e Câmbrico) (Carvalho & *alii*, 2006). O topo da Charneca das Vinhas do ponto de vista geomorfológico conserva a superfície culminante de enchimento sedimentar. As cinco *charnecas* referidas, incluindo a das Vinhas, correspondem aos cinco únicos retalhos (fig. 3), ou relevos residuais, da Formação de Falagueira, que se conservam no território rodanense.

A mamoa da Charneca das Vinhas corresponde ao registo nº 12445 (CNS) da base de dados de sítios arqueológicos do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) e está inscrita no Plano Director Municipal de Vila Velha de Ródão. A povoação mais próxima é a aldeia de Marmelal, localizada cerca de 1 km a NW do monumento. Quanto à microtoponímia, inscrita no cadastro rural em planta à escala 1:2000, os nomes mais próximos do monumento são *Barroca dos Pecados*, a NE, e *Corga*, a SE. A algumas dezenas de metros a W passava um antigo caminho de carroças que descia do planalto para os terrenos mais baixos da área envolvente, junto do qual existia um velho cruzeiro. Um dos três proprietários dos terrenos que se confrontam sobre o monumento informou que as últimas sementeiras de *pão* tiveram lugar entre os anos 40 e 50 do séc. XX, após o que estes terrenos deixaram de ter uso agrícola e foram colonizados por pinheiros.

2. A intervenção arqueológica

A intervenção arqueológica visou caracterizar a estrutura do contentor funerário e do montículo que o envolvia, e recuperar o património móvel associado aos rituais mortuários que ali tiveram lugar. Tal intervenção consistiu numa escavação parcial do monumento, a qual incidiu de forma ampla no que se supunha ser o contentor funerário e respectivo corredor, sendo parcial a sua incidência, tanto em área como em profundidade, nos restantes sectores (mamoa e espaço envolvente). A amplitude da escavação foi condicionada pelos recursos financeiros disponíveis.

2.1. Sequência dos trabalhos e resultados obtidos

O terreno apresentava-se sem vegetação, à excepção de vários troncos de pinheiros ardidos (fig. 4), pelo que, após uma rápida limpeza do terreno, e em concordância com a geometria circular deste tipo de construções, os trabalhos iniciaram-se com a implantação de um sistema de referência baseado em dois eixos ortogonais passando pelo centro geométrico do montículo, ficando um dos eixos alinhado com o alongamento da cratera de violação, sensivelmente na direcção W-E (fig. 5). A partir destes eixos definiu-se uma área de trabalho quadrangular, com 20 m de lado.

Fez-se seguidamente o levantamento microtopográfico da área de trabalho, de 20 m x 20 m, com base numa malha de 1 m². O resultado obtido, que se apresenta na figura seguinte (fig. 6), em planta (equidistância entre curvas de nível de 5 cm) e em perspectiva, mostra-nos uma pequena mamoa com cerca de 11 m de diâmetro e menos de 1 m de altura. Este registo também evidenciou dois aspectos que eram de certa forma patentes por observação directa: a regularidade (circularidade) do monumento e a presença de duas irregularidades sobre o coroamento da cavidade central, no lado Norte e no lado Sul, que interpretámos como acumulações resultantes da violação do contentor funerário.

A circularidade do *tumulus* era um dado significativo tendo em conta a posição topográfica deste no bordo do planalto (a maior pendente ocorre para Sul e SE) e, portanto, numa zona mais sujeita a processos erosivos por gravidade. A regularidade do montículo indicava por outro lado que a antropização do terreno, até ao presente, não fora severa ao ponto de ter contribuído, cumulativamente com os factores erosivos naturais, para a sua deformação.

A intervenção arqueológica, enquadrada na referida divisão da área de trabalho em quadrantes (NW, NE, SW e SE), consistiu em sucessivas acções de decapagem em área e de escavação até à base do monumento, na parte interna deste, na sua estrutura envolvente (*tumulus*) e na zona frontal situada a nascente. A fig. 7 documenta o limite da área intervencionada (mancha cinzenta) e a planta final da escavação.

Os trabalhos de escavação começaram por incidir na cavidade central, em sector correspondente ao quadrante SW (quadrículas I11, I12, I13, J11, J12 e J13), e foram direccionados para a identificação do contorno da estrutura funerária. Foram prolongados para E no alinhamento do hipotético corredor, no quadrante SE (I8, I9, I10, J6, J7, J8, J9 e J10), e para W com a abertura de uma sanja (J14, J15, J16, J17) de atravessamento da mamoa (fig. 9).

Antes da expansão da escavação ao coroamento da mamoa, no lado sul, fez-se o desmonte do amontoado existente no seu topo (posição **a** na fig. 6, área centrada nas quadrículas H9, H10 e H11) pela suspeita de poder conter artefactos removidos do interior da câmara funerária, aquando de violação, hipótese que se confirmou com resultados de muito interesse, que analisaremos mais à frente. A posição daquele amontoado sugere que o violador poderia estar a actuar na parte mais oriental do contentor funerário (ou na zona de transição da câmara para o corredor), de costas voltadas para a entrada, caso fosse destro.

Os trabalhos revelaram uma acumulação de seixos a blocos de quartzo e de quartzito na parte central da cavidade, provenientes, por queda, de um coroamento pétreo, que seria documentado mais tarde, e diversos blocos de xisto ou metagrauvaque que poderiam ser interpretados como correspondendo a

incipiente estrutura de contrafortagem dos ortóstatos delimitadores da câmara, ou fragmentos destes, dado que, pelas suas dimensões, não poderiam ser considerados peças completas (ortóstatos).

O prolongamento dos trabalhos com a decapagem da sanja voltada a W revelou a presença de uma couraça pétreia (em J15 e J16) constituída por blocos de quartzo leitoso e de quartzito num nível superficial da mamoa (fig. 10), realidade que teria idêntica representação noutros sectores atingidos em fases seguintes de escavação.

O afundamento desta sanja até à base do *tumulus* revelaria outras características da sua estrutura. De facto, verificou-se que o *núcleo duro* do *tumulus* fora construído essencialmente com sedimento areno-argiloso compacto da Formação de Falagueira, colectável na encosta da Charneca, que terá contribuído para a sua durabilidade e resistência à agressão do tempo. Deste modo, poderia concluir-se que o monumento era, essencialmente, uma mamoa de *terra*.

Na base do *tumulus*, numa posição recuada em relação ao limite da couraça pétreia, identificou-se um alinhamento de blocos de xisto (fig. 11), com desenvolvimento perimetral, configurando um anel lítico (posicionado na transição de J15 para J16). Tendo em atenção a sua posição recuada em relação ao limite da couraça e ao que seria o limite da mamoa após construção, e à posição deprimida no interior do *tumulus*, sem possibilidade de se evidenciar no seu exterior, embora subjacente à couraça pétreia, podemos considerar esta estrutura como formando um anel de contenção, embora não marcasse o seu limite exterior. Tal estrutura basal poderá corresponder a uma fase inicial da construção do *tumulus* materializando a marcação geométrica da mamoa.

Passou-se ao desmonte do amontoado situado no coroamento da mamoa, no lado Norte (posição **b** na fig. 6). A remoção destes sedimentos, provenientes de violação, revelou alguns materiais embora em menor quantidade do que os recolhidos no amontoado situado no lado Sul.

Após a execução do desenho correspondente ao corte longitudinal com orientação W-E, prolongou-se a escavação da cratera de violação para os quadrantes NW e NE (quadrículas de K6 a K13), em simetria com o que fora efectuado no lado Sul. A escavação atingiu a zona perturbada pela violação mas incidiu também na estrutura da mamoa. Os resultados são idênticos aos observados no lado Sul. O enchimento deste sector continua a ser constituído por materiais de construção consistindo em lajes de xisto ou metagrauvaque e blocos de quartzo e quartzito, embalados em terra solta com forte componente orgânica, anegrada, ocorrendo igualmente materiais arqueológicos diversificados, denotando revolvimento. Os blocos de metagrauvaque ali presentes indicavam um vazio correspondente a espaço funerário, alterado pela violação, e ao qual teriam sido retirados os ortóstatos. Por outro lado, os elementos de quartzo e de quartzito poderiam resultar, predominantemente, da desagregação e colapso da couraça para o interior do

monumento. Aliás, a rarefação da couraça sobre o coroamento da mamoa era compatível com essa explicação.

Nivelado o plano de escavação, a presença de um sedimento mais compacto, de matriz argilosa, sugeria que pudéssemos estar no nível de chão do contentor funerário. Porém, entendeu-se prosseguir a escavação em profundidade tendo-se verificado que tal depósito era de pequena espessura e que corresponderia, depois da última violação, ao aluimento dos taludes laterais, potenciado talvez pela pluviosidade, processo que terá gerado um falso chão. De facto, removida essa camada, verificou-se que a violação ultrapassou o fundo da cavidade funerária até um nível inferior ao do terreno, no exterior do monumento, atingindo uma camada de cascalheira, com material grosseiro muito solto, sobre o topo da qual o monumento fora construído.

O aprofundamento da escavação na área central repartiu-se pelos quatro quadrantes e permitiu conhecer melhor o contorno da estrutura funerária, embora não tenha sido possível documentar a posição dos alvéolos de implantação dos respectivos esteios, requisito necessário à determinação da sua tipologia arquitectónica. A confirmar a hipótese de ter havido uma câmara de tipo dolménico, foi posto à vista um ortóstato completo (fig. 12), com 138 cm de comprimento, por 80 cm de largura e 16 cm de espessura. Estava tombado para Norte, inclinado sobre a cavidade de violação. Além da posição, a observação das suas extremidades permite-nos afirmar que fazia parte do contorno Sul da câmara dolménica. De facto o topo inclinado para Norte apresentava lascamentos compatíveis com a degradação a que ficam sujeitos os topos superiores devido à pressão da cobertura e principalmente, após o desaparecimento desta, em consequência da exposição aos agentes atmosféricos.

O fundo da cratera de violação apresentava-se juncado de fragmentos de xisto-metagrauvaque e de blocos de quartzo, tal como fora observado no decurso das decapagens antecedentes. Este padrão de distribuição de material, resultante de sucessivos aluimentos e violação, permite-nos concluir que o contentor funerário seria constituído, muito provavelmente, por uma câmara e um corredor com um comprimento total de pelo menos 4,5 m, pelo que, tendo em conta a dimensão do esteio, o corredor seria relativamente curto. Não temos indícios que o corredor se prolongasse até ao limite da mamoa, tal como este é assinalado pela posição da couraça pétrea, posta à vista nos quadrantes NE e SE. Tal facto autoriza a hipótese de ter existido um corredor intratumular, um espaço a céu aberto, entre o corredor e o limite exterior da mamoa, o qual coincide com uma concentração significativa de materiais arqueológicos.

A última fase dos trabalhos consistiu na escavação da zona frontal Leste, imediatamente adjacente à mamoa (fig. 13) e na decapagem da estrutura monticular, em área, nos quadrantes NE (figs 14 e 15) e SE. Esta decapagem foi executada, embora tardiamente, com o intuito de documentar a representação da couraça pétrea já evidenciada noutros sectores. No quadrante NE, onde esta acção abrangeu uma área

maior e mais representativa, verificou-se que tal estrutura de capeamento da mamoa se repartia de forma contínua, embora com irregularidades, desde o coroamento desta até ao seu limite exterior, comportando blocos de quartzito leitoso e de quartzito e diversas lajes de rocha local (filitos e metagrauvaques). Ofereceu escassos artefactos de interesse arqueológico.

A escavação da área adjacente ao monumento, do lado nascente, não permitiu documentar nenhuma estrutura pétreia, materializando espaço de ritualização exterior (átrio), no entanto, ofereceu quantidade apreciável de espólio arqueológico o qual se distribuía quase exclusivamente a Sul do eixo longitudinal do monumento (eixo W-E). Uma das peças mais interessantes aqui encontrada é uma placa de xisto gravada cujos fragmentos se dispersavam por quatro posições, indicando as perturbações pós-deposicionais a que o terreno foi sujeito, devido à lavoura moderna, ou a sua remoção de eventual depósito existente no corredor intratumular. Contudo, a quantidade de espólio ali recolhido poderá indicar que a sua posição corresponda a rituais coevos da utilização deste monumento.

Importa referir as características gerais da estratigrafia (não se discriminam as suas sub-divisões) observada no decurso da escavação arqueológica (fig. 8), a qual resultou, fundamentalmente, das perturbações antrópicas a que o monumento foi sujeito e subsequente degradação natural. A unidade 1 (sedimentar superficial), de textura solta, com forte incorporação de matéria orgânica, raízes e clastos, com cor castanha escura (10YR 3/4, *dark yellowish brown*, segundo Munsell Soil Color Charts, 2000) por vezes anegrada, no topo, em resultado do incêndio florestal já referido, tem uma incidência superficial ocupando fundamentalmente o interior da cavidade de violação e as pendentes da mamoa bem como a zona envolvente. Este depósito estava ausente no coroamento da mamoa. A unidade 2 (estrutural), é compacta, tem fraca incorporação de clastos, apresenta cor clara (2,5Y 7/4, *pale yellow*) e corresponde ao núcleo da mamoa. Deu origem, por desagregação, conforme referido anteriormente, à unidade 3 que colmatou o interior do monumento após violação. Assinalou-se como unidade estratigráfica 4 o espaço correspondente à violação do contentor funerário. A unidade 5 (unidade basal) tem características de cascalheira, oferecendo areias grosseiras a calhaus, apresenta-se muito solta, com cor avermelhada (5YR 5/6, *yellowish red*), e corresponde ao substrato (solo/subsolo) onde assentou a construção do monumento.

As características patentes nas unidades 1, 2, 5 e 6 (e em 1ª, 5ª e 6ª na sondagem de controlo) podem correlacionar-se com a estratigrafia natural observada no corte de um areeiro existente na Charneca de Vilar de Boi (Cunha, 1992, 1996), e que está documentado na fig. 16. Naquele corte, a camada superficial, de reduzida espessura, é idêntica às unidades 1 e 1ª da escavação. Segue-se camada (A), de dimensão métrica, correspondente a cascalheira de quartzito de matriz arenosa (seg. indicação do sedimentólogo P. Cunha – Univ. Coimbra), que se correlaciona com as duas unidades geológicas (5 e 6) subjacentes ao monumento (5ª e 6ª na sondagem de controlo). Finalmente, sobrejacente aos filitos e metagrauvaques do

Grupo das Beiras, encontra-se uma arcose grosseira, cascalhenta (seg. P. Cunha), com vários metros de espessura (B). Este depósito terá sido utilizado na construção na mamoa (formando a unidade 2), por extracção directa nas pendentes da Charneca das Canas onde aflora em consequência da erosão do nível de cascalheira (A) que se lhe sobrepõe, que é menos espesso e tem menor coesão do que o depósito subjacente (B).

2.2. Considerações gerais

A mamoa da Charneca das Vinhas tem características comuns a monumentos de idêntica funcionalidade situados em zonas planálticas, como ocorre sobretudo no centro e norte de Portugal, onde as estruturas monticulares se conservam melhor devido à ausência ou à reduzida incidência das lavouras. Contudo, os paralelos mais próximos encontram-se no território de Fratel onde existem outras mamoas em posição topográfica semelhante, ou seja, no bordo de mesas detríticas. É o caso da mamoa da Charneca da Canas (local também conhecido como Sobreiro-da-côr-da-terra) que foi escavada no séc XX por Fernando Augusto Pereira da Silva (Silva, 1991). Estas duas mamoas são os únicos monumentos funerários, da Pré-História Recente, que foram sujeitos a escavação arqueológica naquele território.

Os dados obtidos com a intervenção efectuada na mamoa da Charneca das Vinhas indicam tratar-se de uma estrutura maioritariamente construída em material areno-argiloso, capeada com uma couraça pétrea e possuindo no interior uma câmara de planta indeterminada, de que nos chegou um único esteio completo, e um provável corredor com trecho final aéreo. A ausência de outros esteios completos pode explicar-se pelo saque de pedra destinada à produção de marcos para delimitação das propriedades existentes no topo e nas encostas do planalto onde o monumento foi erigido. No caso em apreço, a área da mamoa encontra-se repartida entre três diferentes proprietários, estando os limites entre aqueles assinalados na planta da escavação por dois marcos.

O escavador da mamoa da Charneca das Canas (Silva, 1991) foi confrontado com idêntico problema de interpretação da estruturação do espaço funerário. Contudo, e apesar da destruição a que naquela sepultura o contentor funerário foi sujeito, e do qual terá restado um esteio e dois fragmentos de outros, admite que poderia tratar-se de uma câmara poligonal sem corredor. Quanto à estrutura envolvente, os monumentos são semelhantes, sendo essencialmente construídos com “terra”, atendendo à representação volumétrica deste material, capeados com blocos de quartzo e quartzito, e dispendo ainda de um anel de contenção periférica e de estrutura de contrafortagem de que encontrámos também vestígios na Charneca das Vinhas.

O conjunto artefactual recolhido no monumento da Charneca das Vinhas, muito coerente, numeroso e diversificado do ponto de vista tipológico, além de nos indicar um horizonte cronológico-cultural concreto, que é o mesmo da mamoa da Charneca das Canas, deu-nos indicações úteis para compreender a organização do espaço ritual, apesar das perturbações a que este foi sujeito.

Os materiais arqueológicos, conforme se pode observar na fig. 17, ocupam maioritariamente a câmara, e a parte final do corredor e zona adjacente à entrada no monumento, voltada a SE. A assimetria da sua distribuição na terceira posição indicada está documentada noutras sepulturas, sendo referido por Domingos Cruz (2001) o descentramento do átrio em relação ao eixo maior do corredor. Para além destas posições recolheram-se algumas peças sobre o coroamento da mamoa, sendo provenientes da violação do contentor funerário. A desmontagem da estrutura monticular na sanja ocidental proporcionou a recolha de alguns artefactos na base da mamoa em nível que coincide com o topo da unidade 5, que poderemos relacionar, eventualmente, com cerimónia preparatória da sua construção ou com a existência de um nível de *habitat* precedente tal como sugerido por Fernando Silva na mamoa da Charneca das Canas (Silva, 1991). São escassos os materiais obtidos no decurso da decapagem da mamoa, executada em área, nos quadrantes orientais. As peças posicionadas fora da área escavada foram recolhidas à superfície (nº 2, 6, 8, 10, 12, 13 e 59 na fig. 17).

Contudo, permanece menos clara a configuração (estrutural) de um espaço de ritualidade exterior ao monumento, sugerido pela concentração de espólio na sua adjacência no lado SE. Os resultados da escavação indicam, por outro lado, que teria havido um corredor, que poderia não ter cobertura na parte terminal, até ao limite da mamoa (corredor intratumular: Cruz, 2001). Mas, mais uma vez, e exceptuando a presença de artefactos neste espaço, não se encontraram indícios estruturais do mesmo. No decurso de projecto de investigação do megalitismo do Tejo internacional documentou-se uma estrutura deste tipo associada a dólmen (Amieiro 3) com câmara e corredor bem diferenciados (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003).

Na Charneca das Vinhas e ao contrário do que é comum em sepulturas deste tipo não se documentaram vestígios de estruturas de delimitação ou de condenação tanto do corredor como do suposto átrio. A presença de deposições rituais fora do perímetro da mamoa ou em espaço não condenado pode documentar-se para montante, no dolmén de Lagunita III (Bueno, Barroso & Balbín, 2008), situado na região do Tejo Internacional. Ali foi expressivamente documentado, em espaço a céu aberto (átrio), um depósito numeroso, constituído principalmente por recipientes cerâmicos mas incluindo igualmente pontas de seta, instrumentos de pedra polida e até placa de xisto.

Quanto ao espólio recolhido (fig. 17), a cerâmica é o item mais representativo, logo seguida, em termos quantitativos, pelas pontas de seta, sendo estas exclusivamente de base côncava. A cerâmica, embora

com larga repartição pelo espaço investigado, incluindo o nível subjacente ao *tumulus*, parece concentrar-se na câmara. Apresenta-se sob a forma de fragmentos, só tendo sido possível formar um vaso quase completo.

Em contrapartida, os elementos de pedra lascada, sobretudo pontas de seta e lâminas/lamelas, dominam os sectores adjacentes à entrada do monumento. Os instrumentos de pedra polida estão escassamente representados e ocorrem sobretudo no exterior do monumento, não sendo de excluir a possibilidade deste tipo artefactual ter sido mais numeroso e de se ter verificado o saque destas peças, consideradas miraculosas, no decurso das violações. As peças afeiçoadas também apresentam baixa representação.

Curiosamente, os raros elementos de adorno (uma conta de colar) e simbólicos (uma placa de xisto gravada) que integram o espólio funerário foram recolhidos na área adjacente à entrada, quando seria expectável que estivessem no interior do monumento, associados a um cadáver.

Foi possível fazer algumas colagens que permitiram reconstituir, parcialmente, algumas peças, nomeadamente três recipientes cerâmicos (fig. 17, nº 76, 80 e 81) e uma placa de xisto gravada (fig. 17, nº 74). Tal circunstância proporcionou indicações úteis quanto à amplitude das perturbações, antrópicas e eventualmente bióticas, provocadas nos espaços rituais. O afastamento máximo entre fragmentos da mesma peça é superior a 2 m no caso da placa de xisto (nº 74) e de 2 m no caso de um recipiente cerâmico (nº 80).

3. Materiais recolhidos no decurso da escavação

Foi referido anteriormente o modo como os materiais se distribuem pelo monumento, conforme documentado na fig. 17. Sobre a planta correspondente à fase final da escavação assinalaram-se as posições da maioria do artefactos recolhidos no decurso da intervenção arqueológica, discriminados por classes tipológicas identificadas com diferentes ícones. Os números associados a ícones identificam as peças que estão desenhadas nas figs 18 a 29. As peças não numeradas correspondem exclusivamente a fragmentos cerâmicos não desenhados.

Como foi referido, as peças assinaladas sobre o coroamento da mamoa (nº 1, 3, 11, 15, 17, 71, 86 e 87, na fig. 17) terão sido mobilizadas pelos violadores a partir da câmara, pelo que deverão ser “vistas” como pertencendo àquele espaço.

3.1. *Pedra polida*

Os materiais de pedra polida possuem invariavelmente forte alteração química superficial, em resultado da acidez dos terrenos: sendo executados em anfiboloxistos, de coloração cinzento-esverdeada, são observáveis em diversos casos vacúolos, resultantes da dissolução dos cristais de anfíbola, que são elementos principais destas rochas, tornadas assim mais moles e mais frágeis. Em resultado da intensidade deste fenómeno, as superfícies, outrora lisas, apresentam-se ásperas e rugosas, com obliteração frequente dos gumes.

Tendo presente a diferenciação usualmente seguida entre machados e enxós, com base na assimetria do bisel terminal, e acessoriamente, no arqueamento do corpo das próprias lâminas líticas, verifica-se que a quase totalidade dos exemplares classificáveis corresponde à definição de enxó (fig. 18, nº. 2 a 4; fig. 20, nº. 9 e 10). Exceptuam-se o exemplar da fig. 18, nº. 1, cujo gume, além de possuir secção aproximadamente simétrica, se desenvolve obliquamente ao eixo longitudinal da peça, sendo assim compatível com actuação vertical, por forma a facilitar o corte, e o exemplar da fig. 19, nº. 6, o qual, apesar de incompleto, possui corpo maciço e gume de secção aproximadamente simétrica, sendo assim compatível com a referida atribuição. As peças identificadas como enxós possuem sempre gumes perpendiculares ao eixo longitudinal, na maioria intactos, como é frequente em ambientes funerários, embora num caso o desgaste sugira que a peça foi utilizada antes de ser depositada no sepulcro (fig. 18, nº. 3).

Aliás, existem dois exemplares que atestam violentas marcas de utilização, por percussão (fig. 19, nº. 7 e 8), sugerindo a sua utilização (ou reutilização?) como sachos.

Apenas um exemplar, por se apresentar muito incompleto, não permite atribuição funcional a qualquer dos grupos identificados (fig. 19, nº. 5).

3.2. *Pedra afeiçoada*

Dois exemplares, de granito de grão grosseiro ligeiramente alterado, um deles de coloração rosada. Um apresenta-se muito incompleto (fig. 20, nº. 11); o outro, plano convexo, com a face plana polida pela utilização (fig. 20, nº. 12). Correspondem a elementos moventes de moinhos manuais, ou a outro qualquer dispositivo de maceração.

Foi identificado, à superfície, no lado SW exterior à mamoa, um elemento dormente de moinho manual de quartzito, de contorno elipsoidal, com a superfície de moagem levemente côncava (fig. 21, nº 13). A

presença de elementos de moagem, especialmente dormentes, tem sido referida em diversos monumentos megalíticos, podendo entrever-se conotação entre ambientes funerários e a simbólica associada à prática agrícola, no respeitante à regeneração e à fecundidade da própria terra. Alguns dos muitos exemplos identificados no território português que denotam a associação entre elementos de moagem (e, por conseguinte, a agricultura) e monumentos funerários, foram inventariados aquando do estudo do menir de Cegonhas, Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), já publicado (Cardoso & *alii*, 1995). Também no território espanhol adjacente à região em apreço, se observou idêntico procedimento, como é evidenciado pelo dormente recolhido na base da câmara do dólmen de la Encina (Cáceres) (Ruiz-Gálvez Priego, 2000, fig. 24), cuja posição vem demonstrar não se tratar de uma reutilização como simples material de construção, como nalguns outros casos se poderá admitir. No caso em apreço, não é possível determinar que tipo de associação teria sido reservada a esta peça, uma vez que foi encontrada fora da estrutura funerária embora, na origem, lhe pudesse ter pertencido.

3.3. *Pedra lascada*

3.3.1. *Pontas de seta*

Recolheram-se vinte e quatro exemplares classificáveis (fig. 22, nº. 14 a 25; fig. 23, nº. 26 a 38), todos de base côncava, excepto um exemplar fracturado, mas que certamente não fugia à dita regra (fig. 23, nº 38).

A totalidade destes exemplares apresenta-se muito bem trabalhada em ambas as faces, possuindo corpo alongado (nº. 14 a 29), com bordos laterais rectilíneos, ou levemente convexos ou côncavos. Outros exemplares possuem corpo mais curto, e base mais ou menos cavada (nº. 33 a 36).

Todos os exemplares são executados em sílex predominantemente de coloração acastanhada a avermelhada ou rosada, estando também presentes, em menor número, a tonalidade acinzentada a esbranquiçada.

A sua tipologia indica estágio evoluído, dentro do Neolítico Final ou já no Calcolítico, uma vez que não ocorrem pontas de seta de base pedunculada, triangular, convexa ou rectilínea, presentes em maioria na anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), acompanhando pontas de base côncava em tudo idênticas às recolhidas no monumento em estudo (Cardoso, Caninas & Henriques, 1997, fig. 10). Se esta associação demonstra que ambos os grupos coexistiram, podendo eventualmente possuir funcionalidades distintas, também não deixa de ser significativo que, nos vinte e quatro exemplares recolhidos todos sejam

de base côncava, o que está conforme com o observado na mamoa da Charneca das Canas (Vila Velha de Ródão), situada mais próximo, em que todas as pontas de seta classificáveis (nove), possuem igualmente a base côncava (Silva, 1991, fig. 9 e 10), integrando tipos claramente calcolíticos, com a base profundamente cavada, análogos aos recolhidos nas *tholoi* de Alcalar (Portimão), por Estácio da Veiga, onde são também exclusivas as pontas de seta de base côncava. Desta forma, é lícito atribuir a ocupação da mamoa da Charneca das Vinhas a uma época posterior à da anta 6 do Couto da Espanhola, monumento de planta evoluída, com câmara poligonal e corredor longo, atribuível ao Neolítico Final e próxima da correspondente à época da mamoa da Charneca das Canas. Contrastando com esta exclusividade tipológica, mas em sentido contrário, cita-se o conjunto exumado na anta do Penedo Gordo, do vizinho concelho de Gavião, situada perto do Tejo, sobre a sua margem direita, onde, das onze pontas de seta recolhidas apenas uma possui base côncava. Esta realidade, deverá ter, por certo, incidência de ordem cronológico-cultural, sendo tanto mais modernos os conjuntos onde as pontas de seta de base côncava mais predominarem.

3.3.2. *Punhais*

Identificou-se um punhal de sílex castanho primorosamente trabalhado em ambas as faces, com falta da extremidade distal (fig. 26, nº. 70). Peças desta natureza ocorrem na vizinha mamoa da Charneca das Canas (Vila Velha de Ródão), de onde provêm três exemplares em tudo análogos (Silva, 1991, fig. 13), embora dois limitados à respectiva base. A tipologia destas peças é comum, tal como a das pontas de seta, a inúmeras estações da Estremadura (no sentido geográfico de O. Ribeiro, do Sado ao Mondego), evidenciando estreitas relações com esta vasta região, da qual se pode considerar como o seu mais interior prolongamento, antes de se penetrar nas terras da meseta.

3.3.3. *Indústrias microlíticas*

Ocorrem diversos exemplares, de sílex acastanhado ou acinzentado, ou de *crystal de rocha* (quartzo hialino), distribuídos pelas seguintes categorias:

Segmentos

Foram recolhidos três segmentos, de sílex, cuidadosamente retocados ao longo do gume convexo (fig. 24, nº. 39, 42 e 43), sendo um de assinaláveis dimensões, idêntico a exemplar recolhido no sítio habitado do

Cabeço da Velha (Fratel, Vila Velha de Ródão), atribuído ao Neolítico Final. Seja como for, a ocorrência destes artefactos em contexto tão evoluído, deve ser considerada como reminiscência das indústrias do Neolítico Antigo do território português, do qual são características.

Truncaturas

Dois exemplares laminares e incompletos, de sílex, possuem duas truncaturas oblíquas na extremidade (fig. 24, nº. 40 e 41), cuidadosamente executadas.

Triângulos

Apenas se recolheu um exemplar, de sílex, com vértice pouco marcado conferindo-lhe contorno próximo dos segmentos (fig. 24, nº. 43).

Lamelas de bordo abatido

Recolheu-se um exemplar estreito e muito espesso, de sílex, cuja função como furador é a mais provável (fig. 24, nº. 45) e um outro, incompleto numa das extremidades (fig. 24, nº. 44).

Lamelas retocadas

Um exemplar incompleto, em quartzo hialino, com ambos os bordos retocados (fig. 25, nº. 58)

Esquírolas retocadas

Um exemplar de contorno elipsoidal, de sílex, parcialmente retocado (fig. 24, nº. 46) e outro, correspondendo a micro-denticulado, também de sílex (fig. 24, nº. 53).

Esquírolas não retocadas

Uma esquírola irregular, de quartzo hialino (fig. 24, nº. 47).

3.3.4. Indústrias laminares e sobre lascas

Apresentam-se trabalhadas em variedades de sílex de tonalidades já identificadas nos grupos anteriores, representadas essencialmente pelas colorações acastanhadas a rosadas (um exemplar); as colorações acinzentadas, podendo atingir o negro (um exemplar) são as segundas mais frequentes. Excepcionalmente, identificou-se um exemplar de quartzo hialino, correspondente a uma lasca desprovida de trabalho (fig. 25, nº. 56).

Lâminas

Merecem destaque dois grandes exemplares inteiros, um deles retocado, ambos em sílex castanho, com paralelos em outros monumentos da região, como os exemplares recolhidos na anta 5 do Amieiro, e na anta 2 do Couto da Espanhola, Idanha-a-Nova (Cardoso, 2008^a, fig. 10.23 e 10.24).

Lâminas não retocadas

Duas lâminas não retocadas, uma de dimensões modestas (fig. 25, nº. 68), outra correspondendo a grande exemplar (fig. 26, nº. 73), ambas de sílex acastanhado, levemente arqueadas.

Lâminas retocadas

Identificaram-se 11 lâminas ou fragmentos de lâminas de sílex, ostentando a maioria retoques contínuos, num ou em ambos os gumes (fig. 25, nº. 60 a 62; 64 a 69; fig. 26, nº. 71 e 72). Apresentam-se predominantemente incompletas, facto atribuível a anteriores remeximentos do sepulcro, os quais se encontram bem evidenciados pela ausência dos esteios que estruturavam a câmara e o corredor. As extremidades distais, quando conservadas, apresentam-se em bruto, ou não trabalhadas (dois exemplares), ou ocupada por frente de raspadeira, afeiçoada a partir de ambas as faces, por levantamentos pouco inclinados ou sub-horizontais (fig. 25, nº. 60). Deve ser assinalada as dimensões de alguns dos exemplares, evidenciando apuradas técnicas de talhe, pressupondo o recurso ao talhe por pressão, a partir de dispositivo com alavanca.

Lascas retocadas

Três lascas, de formatos distintos, de sílex acastanhado (dois exemplares), ou acinzentado (o restante), apresentam retoques contínuos ao longo de um dos bordos, indicando utilização como raspadores (fig. 24, nº. 52 e 54; fig. 25, nº. 63).

Lascas em bruto

É interessante verificar a ocorrência de três lascas em bruto, de distinto tamanho e natureza, cuja ocorrência no monumento só pode indicar deposição intencional, justificada por utilização tal qual, simplesmente encabadas, ou integrando artefactos de características e funcionalidade desconhecidas. Trata-se de exemplar de quartzito (fig. 24, nº. 55); de outro, de quartzo hialino (fig. 25, nº. 56) e de um terceiro de sílex castanho-escuro (fig. 25, nº. 57).

Núcleos de lamelas

Recolheram-se quatro núcleos de lamelas de tipo prismático, todos de quartzo hialino, três deles incolores, o outro fumado (fig. 24, nº. 48 a 51). A nítida incidência de núcleos de quartzo hialino, sem que sejam acompanhados por congêneres de sílex, conforme seria de esperar dada a maior incidência desta matéria-prima na elaboração de indústrias microlíticas, observa-se em outros monumentos da região, como a mamoa da Charneca das Canas (Vila Velha de Ródão), onde se recolheram igualmente dois núcleos de quartzo hialino sem que nenhum de sílex tenha sido identificado (Silva, 1991, fig. 8, nº. 1 e 2); situação análoga foi a observada na anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), onde se recolheu um pequeno núcleo de quartzo semi-hialino, desacompanhado de outros (Cardoso, Caninas & Henriques, 1997, fig. 9, nº. 8). Estes exemplos poderiam multiplicar-se, em monumentos funerários tanto na região como fora dela, o que evidencia o carácter duplamente simbólico destes exemplares: não só como oferendas, como as restantes, acompanhantes dos finados, mas também pelos princípios que representavam intrinsecamente: a pureza, associada à transparência; e a vitalidade/fecundidade, decorrente da sua dureza e da capacidade de se transmutarem em outras peças deles obtidas: as lamelas.

3.4. Indústria cerâmica

3.4.1. Cerâmica lisa

Foi possível identificar um número mínimo de seis recipientes lisos, assim distribuídos:

- 1 – Grande esférico de lábio simples (fig. 27, nº. 76);
- 2 – Pequena taça de bordo reentrante, representada pelo número máximo de três fragmentos (fig. 27, nº. 78, 79; fig. 28, nº. 81);
- 3 – Grande taça em calote (fig. 28, nº. 82);
- 4 – Duas pequenas taças em calote (fig. 27, nº. 77; fig. 29, nº. 90);
- 5 – Vaso de bordo reentrante, perfurado na carena que o separa do bojo (fig. 28, nº. 80);
- 6 – Vaso de fundo plano (fig. 28, nº. 83 a 85; fig. 29, nº. 97);

Recolheram-se ainda quatro pequenos fragmentos de bordos, dos quais dois poderiam pertencer a um sétimo recipiente (fig. 29, nº. 88 e 89); um outro a um oitavo recipiente (fig. 29, nº. 87) e finalmente um último (fig. 29, nº. 86) a um nono exemplar (fig. 29, nº. 86). O exemplar da fig. 29, nº. 87 possui o lábio revirado para o exterior, aproximando-se do perfil dos recipientes representados por Georg e Vera Leisner na est. XXVII, do grupo A2 e B1 do megalitismo da região de Reguengos de Monsaraz.

Em contrapartida, o recipiente que foi possível reconstituir integralmente (fig. 28, nº. 80), não possui paralelos claros naquele espaço geográfico, ainda que os referidos autores tenham identificado um grupo tipológico (Grupo 3) caracterizado por “Grandes vasos globulares de rebordo espesso” (Leisner & Leisner, 1951, p. 88). Com efeito, o nosso exemplar diferencia-se dos descritos pelo casal alemão, por possuir uma aba reentrante bem marcada, diferenciada por carena do bojo do recipiente, não observada naqueles. Mas a presença desta forma não se pode considerar completamente desconhecida no Alto Alentejo, já que foi identificada pelos referidos autores na anta 1 da Herdade da Ordem, Avis (Leisner & Leisner, 1959, ff. 15, 1, nº. 68). Enfim, certo tipo de “lamparinas” calcólicas, como os exemplares recolhidos na *tholos* de Monte Velho, Ourique (Leisner & Leisner, 1959, ff. 43, nº. 1), têm em comum as paredes reentrantes em torno da abertura, mas diferem do exemplar em apreço por este ser mais fundo e de maiores dimensões, contrariando aquela utilização.

Sendo esta também uma forma não registada na Estremadura, mais uma vez o paralelo mais próximo encontra-se na mamoa da Charneca das Canas, onde se recolheram dois exemplares idênticos (Silva, 1991, fig. 15, nº. 39, 40), um deles possuindo elementos de suspensão constituídos por pequenas orelhetas implantadas sobre a carena, perfuradas horizontalmente, no que difere da solução encontrada no exemplar em estudo, que, para suspensão, possui perfurações oblíquas executadas na carena.

A distribuição geográfica da referida forma cerâmica, de evidente cunho regional, estendeu-se para jusante, ao longo do vale do Tejo, já que foi identificada na anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião), através de fragmento em tudo análogo (Cunha & Cardoso, 2002/2003, fig. 13, nº. 12).

Outra particularidade das produções cerâmicas recolhidas neste monumento diz respeito aos três fragmentos de vasos de fundo plano (fig. 28, nº. 84 e 85; fig. 29, nº. 97). Trata-se de forma de assinalável raridade no Neolítico e, ainda mais, no Calcolítico, embora na região esteja documentada pelo pequeno vaso com asa em fita recolhido na anta 8 do Amieiro, Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) (Cardoso & *alii*, 2003, fig. 15, nº. 9) e, no território do país vizinho, entre outros, pelos fragmentos de pelo menos dois vasos recolhidos no sepulcro megalítico calcólico de Trincones I (Cáceres) (Bueno Ramírez, Barroso Bermejo & Balbín Behrmann, 2004, fig. 8; Bueno Ramírez & *alii*, 2000, fig. 36).

Identificaram-se ainda dois elementos de preensão, sem que se possam relacionar como qualquer dos exemplares mencionados: uma pequena asa perfurada horizontalmente (fig. 29, nº. 91) e o arranque de exemplar homólogo (fig. 29, nº. 96).

3.4.2. *Cerâmicas decoradas*

Recolheram-se dois pequenos fragmentos de vasos com superfície algo erodida, de forma indeterminada, eventualmente pertencentes ao mesmo exemplar, com decoração incisa, próxima da identificada nos exemplares estremenhos do Calcolítico Pleno. A ocorrência de cerâmicas decoradas em contextos megalíticos da região é excepcional, podendo ver-se nesta ocorrência uma ligação estremenha, propiciada pelo rio Tejo, que corre próximo.

Outros dois fragmentos de recipientes de paredes verticais ou levemente inclinadas para o interior, pertencendo a vasos tronco-cónicos, possuem abaixo do bordo uma canelura simples, característica reportada nas estações neolíticas da Comporta (Grândola) ao Neolítico Médio (Silva & *alii*, 1986). Um dos exemplares possui uma banda decorada por nove finas linhas incisadas, do lado interno do bordo, executadas a pente. Esta característica técnica decorativa, que já tinha sido identificada em dois fragmentos da mamoa da Charneca das Canas (Silva, 1990, fig. 17, nº. 44, 45), corresponde a um dos fácies das cerâmicas decoradas calcolíticas do sul da Beira Interior; sendo de evidentes afinidades setentrionais, área do País onde se encontra particularmente bem representada, a sua ocorrência na região, em coexistência com outra tradição cultural, de origem alentejana, representada pelas cerâmicas lisas, com taças de bordo espessado internamente, pratos de bordo almendrado e pesos de tear em forma de crescente, corporiza, já no Calcolítico, a reunião, na região em apreço, de tradições culturais distintas, o que está de acordo com a sua posição geográfica de charneira entre os dois domínios culturais em apreço (Vilaça, 2008).

3.5. *Objectos de adorno*

Os objectos de adorno estão reduzidos a uma conta de colar em material verde (fig. 27, nº 75). Trata-se, provavelmente, de variscite, como se verifica na maioria dos exemplares coevos encontrados no território português (Calado & Cardoso, *in* Domínguez-Bella coord., 2004). Peças como a recolhida parecem difíceis de obter a partir dos finos veios de variscite identificados em formações metassedimentares de idade silúrica do Norte de Portugal (Meireles, Ferreira & Reis, 1987), a única ocorrência até agora registada no actual território português. Embora esteja assinalada a exploração de variscite, na época romana, perto de

Zamora (Campano, Rodríguez & Sanz, 1985), a única ocorrência conhecida de exploração pré-histórica deste mineral no SW peninsular é a de Encinasola (Nocete, 2001; Domínguez-Bella & *alii*, 2002). Assim, esta ocorrência, inscreve-se no comércio transregional desta matéria-prima, explicável pelo especial apreço que a estas contas de cor verde era dispensado pelas populações pré-históricas peninsulares, cuja prova mais evidente é a particular concentração destas ocorrências na Estremadura portuguesa.

3.6. *Artefactos rituais*

Os elementos de cunho ritual estão representados por uma placa de xisto gravada (fig. 27, nº 74). Esta merece uma atenção especial por corresponder a um padrão que foi isolado com base num pequeno conjunto de peças (Caninas & Henriques, 1994) estando confinado a território situado no Norte Alentejano, em torno dos concelhos de Nisa, Crato, Castelo de Vide e Marvão (fig. 30). Tal facto sugere uma manufactura comum e permite estabelecer um nexos cronológico-cultural entre os rituais funerários que tiveram lugar nos monumentos onde foram recolhidos. A representação regional deste modelo vê-se alargada à região de Ródão, que coalesce com o território dos concelhos atrás referidos, com o exemplar identificado na mamoa da Charneca das Vinhas. Após a publicação do trabalho referido foi possível detectar outra placa de xisto, proveniente da Anta 2 de São Gens (Oliveira, 1999-2000), em Nisa, filiável naquele conjunto.

Além dos dois exemplares já citados, o da mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão) e o da anta 2 de São Gens (Nisa), as outras placas de xisto, que formam o referido conjunto, são originárias da anta da Terra da Azinheira (1 ex., Caninas & Henriques, 1994), em Nisa, da Anta da Tapada da Laje de Peles (1 ex., Isidoro, 1971, figs 21 e 22), da anta 1 do Couto do Biscaia (2 ex., Isidoro, 1970, fig. 15ba e 15b) e da anta da Lameira (1 ex., Leisner, 1959, estampa 6.6.1), no Crato, e da anta da Cabeça (2 ex., Leisner, 1959, estampas 3.4.4), em Castelo de Vide, que Conceição Rodrigues (Rodrigues, 1975) admite ser um dos monumentos da necrópole da Tapada de Alcogulo. Finalmente, no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses existe uma placa de "proveniência desconhecida", publicada pelo casal Leisner (Leisner, 1959, estampa 4.4), como sendo de Castelo de Vide ou de Marvão, e por Estácio da Veiga (1887, vol. II, estampa VIII) que a relaciona com uma anta de Castelo de Vide.

Podemos contextualizar alguns destes exemplares com espólios funerários e tipologias arquitectónicas. As peças que estão nestas condições são as provenientes da mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão), da anta 2 de São Gens (Nisa) e das antas 1 do Couto do Biscaia e da Tapada da Laje de Peles (Crato), dado que nos restantes casos a correlação com arquitecturas e espólios é duvidosa ou desconhecida.

A anta 2 de São Gens é uma estrutura com câmara, poligonal, de oito esteios graníticos, e corredor curto, bem diferenciados em planta e altura. Observa-se um número quase idêntico de placas de xisto gravadas (cinco) e de instrumentos de pedra polida (quatro machados e duas enxós), sugerindo número de cadáveres ali colocados, embora com distribuição desencontrada no espaço funerário, com as placas a restringirem-se à metade ocidental da câmara e os machados e enxós a ocuparem o corredor e a parte oriental da câmara. O espólio integra elevada quantidade de recipientes cerâmicos, incluindo taças carenadas e dois pequenos vasos de fundo aplanado, e ainda pequeno conjunto de pontas de seta (base côncava) e geométricos.

As duas placas da anta 1 do Couto do Biscaia estavam acompanhadas por espólio diversificado, marcado por elevada quantidade (aspecto realçado por Agostinho Farinha Isidoro) de instrumentos de pedra polida, de vasos cerâmicos, incluindo recipientes carenados, e de placas de xisto gravadas, a que se juntam algumas pontas de seta, estando ausentes as de base côncava. Interessante dado reside na igual quantidade de placas de xisto e de instrumentos de pedra polida (machados e enxós) ali presentes, 11. Este monumento, com câmara, de planta poligonal, com sete esteios de granito, já não conservava o corredor.

A escavação por A. Farinha Isidoro da anta da Tapada da Laje de Peles, um monumento de planta trapezoidal, de sete esteios, com corredor curto, marcado por um longo esteio, proporcionou três placas gravadas em xisto, oito instrumentos de pedra polida, entre os quais identificamos cinco machados e três enxós, uma ponta de seta de base triangular, uma conta de colar em matéria negra e três recipientes cerâmicos. A placa de xisto correspondente ao nosso modelo foi recolhida na zona do corredor e tem a particularidade de testemunhar uma reformatação, que lhe conferiu contorno antropomórfico, e novas gravações.

O espólio disponível nestes monumentos sugere a sua inserção no Neolítico final, atribuição que é coerente com a arquitectura dos respectivos monumentos, indicando, por outro lado, época anterior à que presidiu aos rituais funerários da mamoa da Charneca das Canas. Poderá admitir-se que a placa de xisto da Charneca das Vinhas ali possa ter chegado mais tarde, quiçá, no contexto de uma reutilização, à escala regional, de um artefacto simbólico tão importante como este. Contudo, além do desfasamento cronológico referido, a ocorrência singular da placa de xisto na mamoa da Charneca das Vinhas e o seu posicionamento no exterior do monumento podem indicar um significado ritual distinto do que presidiu ao uso destes artefactos nos monumentos anteriormente citados, onde se associariam de modo mais directo a cadáveres neles depositados. Tal hipótese é reforçada pela ausência deste tipo de artefacto na vizinha mamoa da Charneca das Canas.

4. Considerações finais

Os trabalhos efectuados na mamoa da Charneca das Vinhas são um contributo importante para o conhecimento das arquitecturas e rituais funerários associados ao megalitismo em Vila Velha de Ródão, município onde tal realidade ainda está mal caracterizada, agravada pelo facto de terem sido irremediavelmente destruídos mais de 64% dos 44 monumentos deste tipo inventariados até ao momento (Henriques, Caninas & Chambino, 2008).

De facto, apesar do longo investimento realizado, essencialmente pela Associação de Estudos do Alto Tejo, ao nível do inventário arqueológico, até 2000 foram executadas escavações em escasso número de monumentos, contando-se nessa situação os trabalhos de Francisco Tavares de Proença Jr, no início do séc. XX, na anta da Urgueira (Proença Jr, 1909) e em diversas antas da necrópole de Atalaia, nomeadamente no Vale de Lucriz (Henriques & Caninas, 2004), a escavação por João Caninas e Francisco Henriques de um dólmen muito destruído, a anta do Farranhão, em 1983 e 1985, e a já referida escavação por Fernando Augusto Pereira da Silva da mamoa da Charneca das Canas (Silva, 1991).

Tal panorama é extensivo à região de Castelo Branco, onde, apesar dos trabalhos de O. da Veiga Ferreira e de D. Fernando de Almeida na área de Idanha-a-Velha (Cardoso, 2008b), de Félix Alves Pereira (Pereira, 1933) e de Proença Jr, na necrópole do Ponsul, o melhor conhecimento sobre o fenómeno megalítico foi obtido no sul do concelho de Idanha-a-Nova, na envolvente do Tejo Internacional, no âmbito de projectos de investigação promovidos pela Associação de Estudos do Alto Tejo, com incidência ao nível do inventário extensivo (Henriques, Caninas & Chambino, 1993; Henriques, Caninas & Cardoso, 1999) e de escavações arqueológicas, que permitiram formular uma proposta evolutiva do megalitismo naquela zona (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003; Cardoso, 2008a).

A mamoa da Charneca das Vinhas situa-se num território delimitado por acidentes geográficos marcantes, conforme referido, e caracterizado por uma diversificada rede de sítios arqueológicos da Pré-história Recente, em potencial relação entre si; zonas de *habitat*, ocupando de forma quase exclusiva restos da plataforma sedimentar culminante fini-pliocénica, densos conjuntos de grafismos rupestres nas margens dos rios que marginam aquele território (a chamada arte rupestre do Tejo) e sepulturas (antas e mamoas) ocupando tanto o bordo das mesas detríticas como os relevos do maciço antigo (Caninas, Henriques & Gouveia, 2004). O monumento em apreço poderá correlacionar-se com um momento de apogeu do santuário rupestre, marcado pela simbologia geométrico-simbólica, embora não se tenha obtido nenhuma elo de ligação com tal complexo gráfico, no único esteio conservado in loco, recordando os resultados desse tipo obtidos por colegas espanhóis na zona do Tejo Internacional (Bueno, Barroso, Balbín & Carrera, 2006).

O mamoa da Charneca das Vinhas partilha com a mamoa da Charneca das Canas idêntica posição topográfica, sugerindo regressão da necrópole dolménica a partir das terras subjacentes para os bordos das mesas detríticas da Formação de Falagueira, e integra o mesmo horizonte cronológico-cultural, comparando os respectivos espólios que apontam para uma cronologia avançada no fenómeno megalítico, i.e. em pleno Calcolítico. Tal posição topográfica é ilustrada por outras mamoas (Charneca do Janome e Charneca de Vilar de Boi).

O monumento em apreço, teria câmara e corredor, que por má preservação não foi possível caracterizar em termos de modelo arquitectónico. Contudo, o diversificado espólio ali recolhido, particularmente abundante em pontas de seta em sílex, exclusivamente de base côncava, indicam ritual funerário na câmara e em torno da entrada do monumento, tanto no seu exterior (átrio) como em corredor intratumular. Este espólio evidencia contactos transregionais com o Baixo Tejo, o Alto Alentejo e o Centro e Norte de Portugal o que reforça a posição charneira deste território, na interface nodal entre uma rota fluvial, corporizada pelo rio Tejo, com uma rota continental de orientação Norte-Sul, entre o planalto beirão e o Alentejo.

Bibliografia

BUENO RAMÍREZ, P. *et al.* (2000) – Dólmenes en Alcántara (Cáceres). Un proyecto de consolidación e información arqueológica en las comarcas extremeñas del Tajo. Balance de las campañas de 1997 y 1998. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 8, p. 129-168.

BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R. & BALBÍN BEHRMANN, R. de (2004) – Construcciones megalíticas avanzadas de la cuenca interior del Tajo. El núcleo cacereño. *SPAL*. Sevilla. 13, p. 83-112.

BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R. & BALBÍN BEHRMANN, R. de (2008) – The necropolis of Era de La Laguna, Santiago de Alcántara, Cáceres, in the context of the Megalithism of the Central Region of the International Tagus. In P. BUENO-RAMIREZ, R. BARROSO-BERMEJO & R. de BALBÍN-BERHMANN, *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: BAR International Series, 1765, p. 41-59.

BUENO, P., R. BARROSO, R. de BALBÍN & F. CARRERA (2006) - Megalitos y Marcadores Gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres). Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.

CALADO, D. & CARDOSO, J. L., *in* DOMÍNGUEZ-BELLA, S. (coord., 2004) – Raw materials in the Neolithic-Aeneolithic of the Iberian Peninsula. *Slovak Geol. Mag.* Bratislava. 10 (1/2), p. 17-42.

CAMPANO, A.; RODRÍGUEZ, J. A. & SANZ, C. (1985) – Apuntes para una primera valoración de la explotación y comercio de la variscita en la Meseta Norte. *Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo*. Zamora, p. 13-22.

CANINAS, João Carlos & HENRIQUES, Francisco (1994) - Um Conjunto de Placas de Xisto Gravadas do Nordeste Alentejano, *Ibn Maruan - Revista Cultural do Concelho de Marvão*, 4, Marvão, p.147-156.

CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco & GOUVEIA, Jorge (2004) - Arqueologia da Região de Fratel. Um Olhar entre a Pré-História e os Tempos Modernos, in *Itinerários por Terras da Açafa*, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

CARDOSO, J. L. (2008a) – The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions. In P. BUENO-RAMIREZ, R. BARROSO-BERMEJO & R. de BALBÍN-BERHMANN, *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: BAR International Series, 1765, p. 103-115.

CARDOSO, João Luís (2008b) – O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. In João Luís CARDOSO, *O. da Veiga Ferreira. Homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor*. Oeiras: Estudos Arqueológicos de Oeiras, 16, p. 13-123.

CARDOSO, J. L.; GOMES, M. V.; CANINAS, J. C., & HENRIQUES, F. (1995) – O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova) - *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 5-17.

CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997) – A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. 5, p. 9-28.

CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2003) – Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 21, p. 151-207.

CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T. da; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1998) - A Ocupação Neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão), *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3-4, Lisboa. Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego, Edições Colibri, p. 61-81.

CARVALHO, Nuno; CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A. & TAVARES, Alexandre (2006) - Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal, *Açafa*, 7, Associação de Estudos do Alto Tejo, 73p.

CRUZ, Domingos de Jesus da (2001) – *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*, Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CUNHA, Pedro P. (1992) – *Estratigrafia e sedimentologia dos depósitos do Cretácico Superior e Terciário de Portugal Central, a leste de Coimbra*. Dissertação de Doutoramento em Ciências, na Universidade de Coimbra (especialidade de Estratigrafia, Paleontologia e Geoistória), Coimbra, 262 p.

CUNHA, Pedro P. (1996) – Unidades litostratigráficas do Terciário da Beira Baixa (Portugal). *Comun. Inst. Geol. e Mineiro*, Lisboa, tomo 82, pp. 87-130.

CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A.; DAVEAU, Suzanne & FRIEND, Peter F. (2005) – Tectonic control of the Tejo river fluvial incision during the late Cenozoic, in Ródão – central Portugal (Atlantic Iberian border). *Geomorphology*, 64, pp. 271-298.

CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A.; HUOT, Sebastien; MURRAY, Andrew & RAPOSO, Luís (2008) – Dating the Tejo River lower terraces in the Ródão area (Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. *Geomorphology*, 102, 43-54.

CUNHA, A. Leite da & CARDOSO, J. L. (2002/2003) – A anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião). *Estudos Pré-Históricos*. 10/11, p. 31-53.

DOMÍNGUEZ-BELLA, S. *et al.* (2002) – Raw materials, source areas and technological relationships between minerals, rocks and prehistoric non-flint stone tools from the Atlantic band, Cádiz province, SSW Spain. *31 st International Symposium on Archaeometry (Budapest, 1998)*. Oxford/Budapest: B.A.R., p. 723-728.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C. & CARDOSO, J. L. (1999) - Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação, *História, nova série*. 18, p. 68-74. Lisboa.

HENRIQUES, Francisco & CANINAS, João Carlos (2004) - O megalitismo da Região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e trabalhos posteriores, In *Catálogo da Exposição "Arqueologia: coleções de Francisco Tavares de Proença Júnior*, p. 28-35. Castelo Branco: Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, J. Carlos; BATISTA, Joaquim, *et al* (1986) – Carta Arqueológica do Concelho (Vila Velha de Ródão), *Informação Arqueológica*, 6 (1984), Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, p. 9-22.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos & CHAMBINO, Mário (1993) - Carta Arqueológica do Tejo Internacional, vol. 3 (Idanha-a-Nova). 299p. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos & CHAMBINO, Mário (2008) - Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. In P. BUENO-RAMIREZ, R. BARROSO-BERMEJO & R. de BALBÍN-BERHMANN, *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: BAR International Series, 1765, p. 79-88.

ISIDORO, Agostinho Farinha (1970) – Escavações em Dolméns do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - III, *Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"*, 6. Porto.

ISIDORO, Agostinho Farinha (1971) - Escavações em Dolméns do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - IV, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXII, Fasc. 1, p. 41-56, Porto.

LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.

LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen, Band ½).

MEIRELES, C.; FERREIRA, N. & REIS, M. L. (1987) – Variscite occurrence in Silurian formations from northern Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 75 (1/2), p. 21-27.

NOCETE, F. (2001) – *Tercer milénio antes de nuestra era. Relaciones y contradiciones centro/periferia en el valle del Guadalquivir*. Barcelona: Bellaterra.

OLIVEIRA, Jorge de (1999-2000) – A Anta II de S. Gens (Nisa), *Ibn Maruan - Revista Cultural do Concelho de Marvão*, 9/10, Marvão, Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri, p.181-238.

OLIVEIRA, Jorge de (2000) - Reflexiones sobre el conjunto megalítico de Cedillo. El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo). *Extremadura Arqueológica*. Mérida. VIII, pp. 169-186.

OLIVEIRA, Jorge M. Forte de (1998) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Lisboa. Edições Colibri, 744p.

PEREIRA, F. Alves (1933) - A Pedra d' Anta ou um Monumento Megalítico na Beira-Baixa, *O Archeologo Português*. 29. Lisboa, p. 49-75.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1909) - *A Anta da Urgueira*. Leiria.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Junta Distrital de Portalegre, Lisboa, 277p e 130 est.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (2000) – El conjunto dolménico de la Dehesa Boyal de Montehermoso. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 8, p. 187-207.

SILVA, F. A. Pereira da (1991) – *Mamoas da Charneca das Canas*. Vila Velha de Ródão: Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

SOARES, Joaquina (1988) - O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final / Calcolítico da Região Ródão / Nisa – Notícia Preliminar, Alto Tejo, 2, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

VEIGA, Sebastião Estácio da (1887) – *Antiguidades Monumentais do Algarve, Tempos Prehistoricos*, vol. II, Lisboa.

VILAÇA, R. (2008) – *Através das Beiras*. Coimbra: Palimage.

VV AA (2005) - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates. Tomo V, p. 1988.



Figura 1. Vista da Charneca das Vinhas, de Sul para Norte, após incêndio florestal. Atrás, observa-se a Serra das Talhadas.

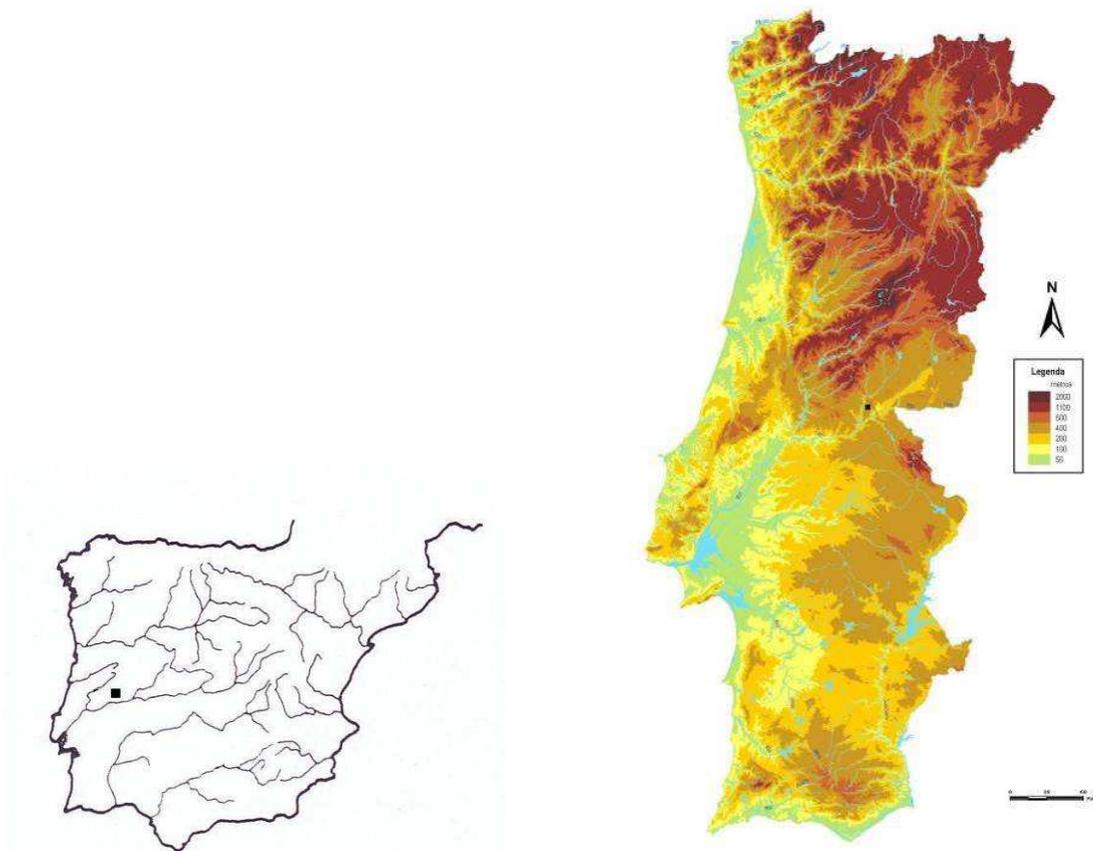


Figura 2. Localização do monumento na Península Ibérica e em Carta Hipsométrica de Portugal Continental (seg. Atlas do Ambiente).

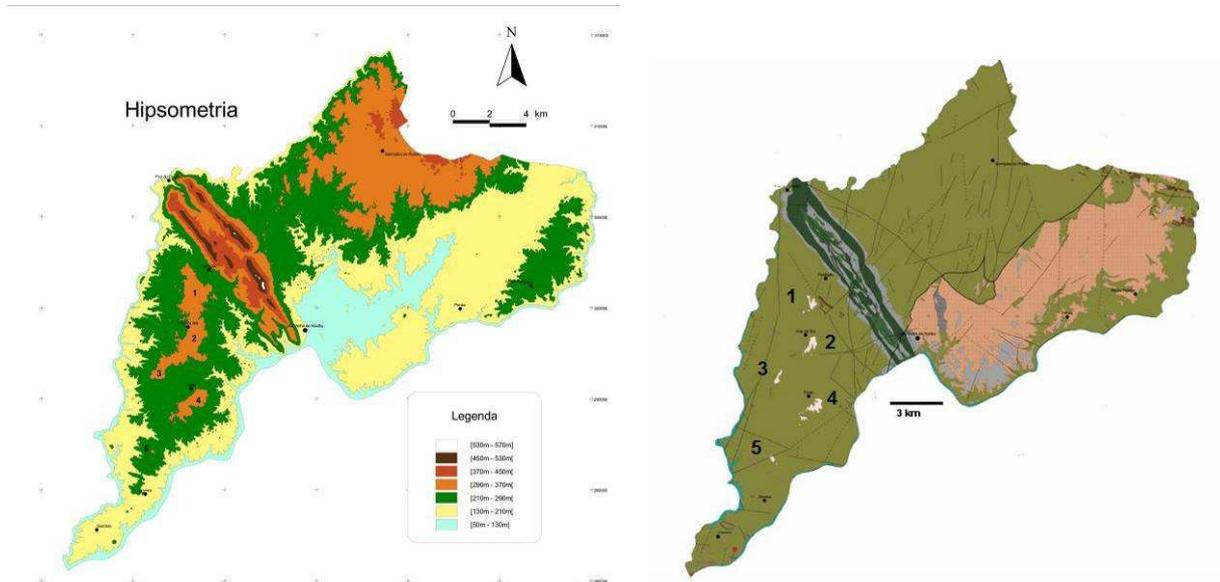


Figura 3. Carta Hipsométrica e Carta Geológica (modificada) do concelho de Vila Velha de Ródão, seg. CARVALHO *et al*, 2006. Assinalam-se as posições (primeiro mapa) e os contornos (segundo mapa) dos retalhos da Formação de Falagueira: Charneca das Vinhas (1), Charneca de Vilar de Boi (2), Charneca do Janome (3), Charneca de Fratel (4) e Cabeço da Velha (5).



Figura 4. Aspecto do monumento no início dos trabalhos, visto de NW.



Figura 5. Aspecto da cratera de violação no início dos trabalhos. Observa-se o alinhamento W-E.

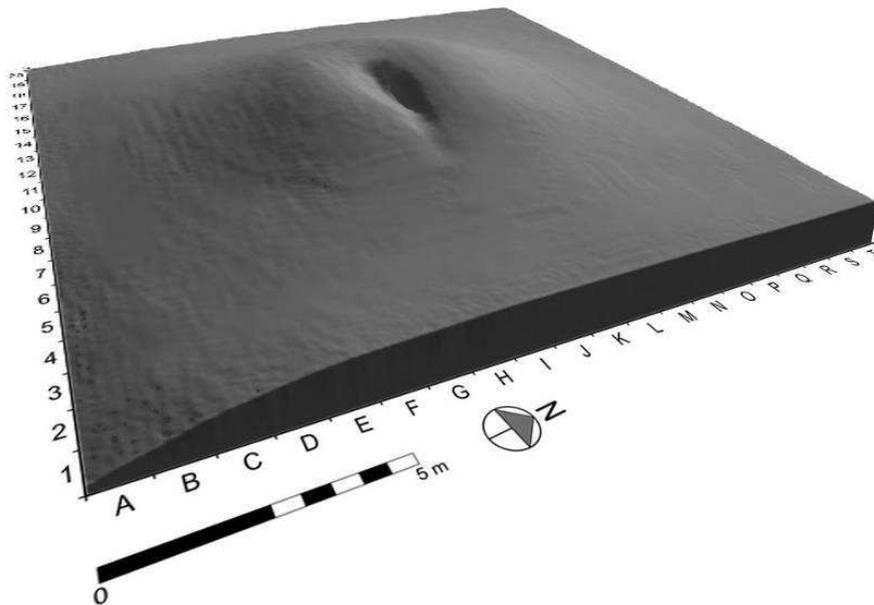
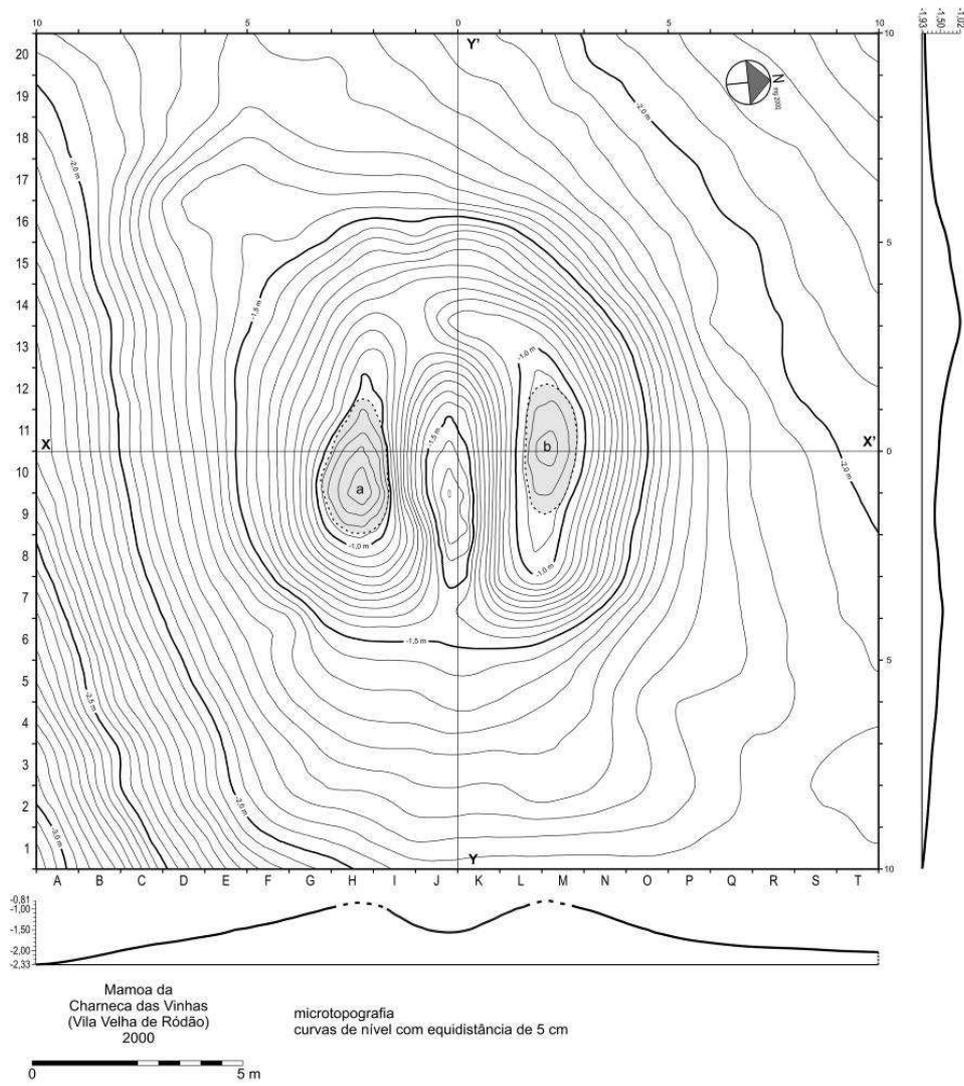


Figura 6. Microtopografia da mamoa em planta e vista em perspectiva (edição gráfica de B. Ferreira sobre trabalho de campo de J. Caninas e F. Henriques).

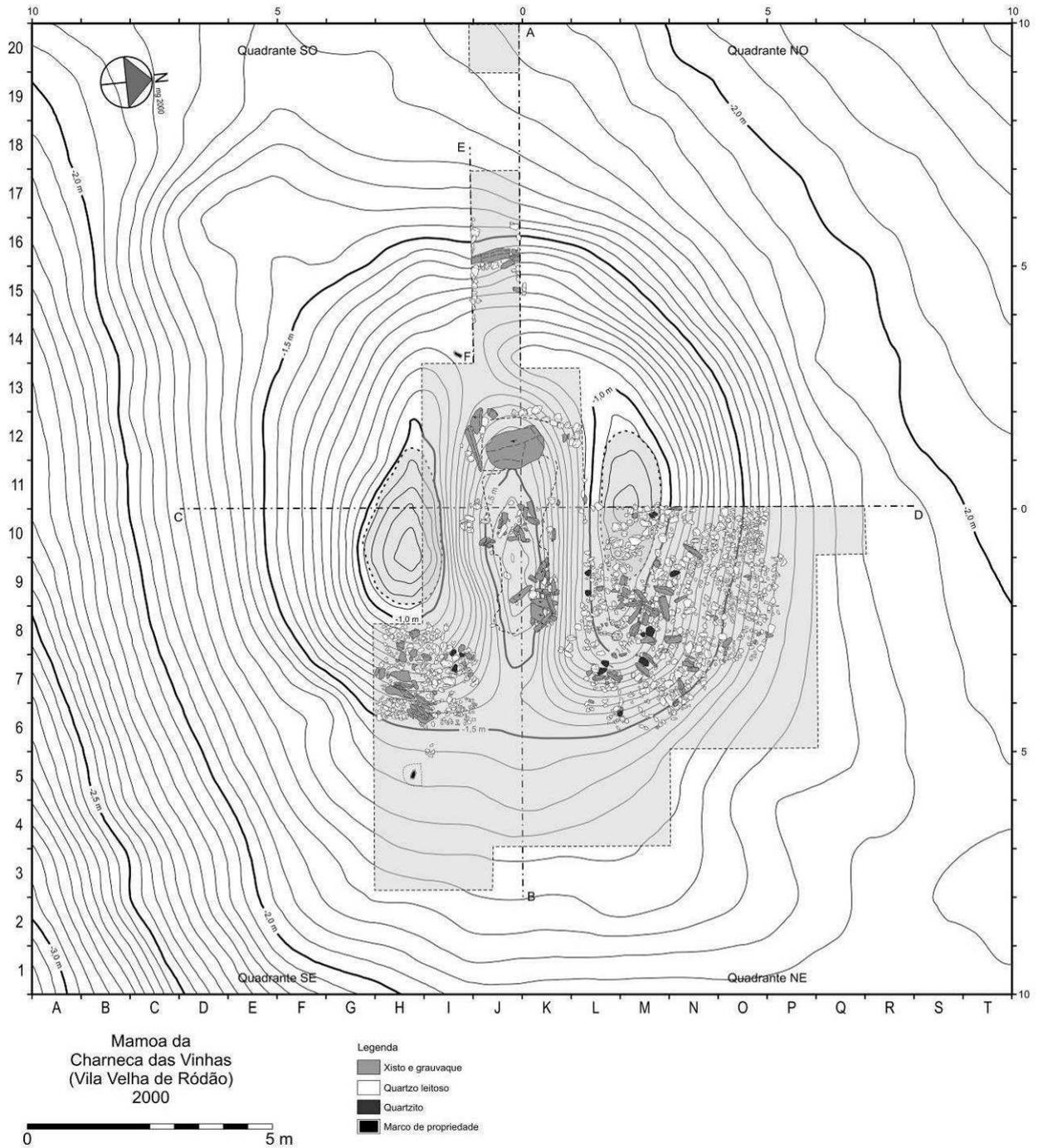


Figura 7. Planta da fase final da escavação arqueológica.

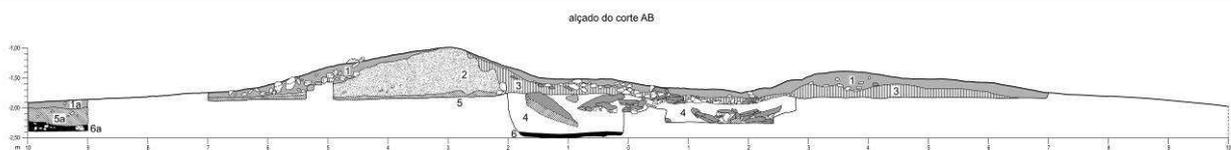


Figura 8. Alçado do corte longitudinal AB (W - E). 1 – unidade sedimentar, superficial, e unidade estrutural (couraça pétreia); 2 – unidade estrutural (mamoá); 3 – unidade sedimentar resultante da degradação da unidade 2 (posterior à violação); 4 – área de violação da cavidade funerária e elementos estruturais; 5 e 6 – unidades geológicas.



Figura 9. Vista da fase inicial dos trabalhos, nos quadrantes SW e SE.



Figura 10. Couraça pétrea da mamoa evidenciada pela decapagem da sanja orientada a W.



Figura 11. Vista de trecho do anel lítico intersectado pela escavação de sanja longitudinal.



Figura 12. Esteio do contorno sul da câmara funerária, depois de reerguido da cavidade de violação onde estava tombado



Figura 13. Fase de escavação da área frontal da entrada do monumento



Figura 14. Aspecto da couraça pétrea da mamoa em sanja aberta no quadrante NE.



Figura 15. Vista de trecho da couraça pétrea da mamoa (quadrante NE).

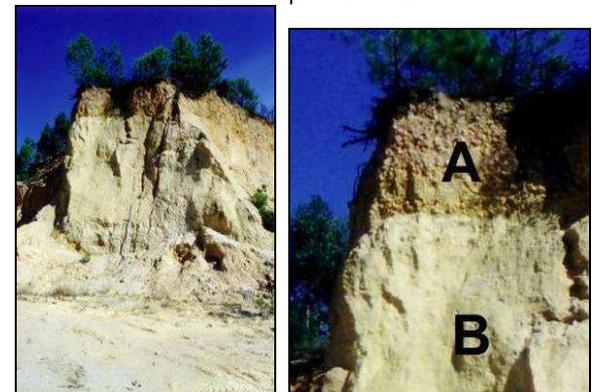


Figura 16. Corte provocado por arreeiro aberto na Charneca de Vilar de Boi expondo a estratigrafia da Formação de Falagueira (Pliocénico Superior).

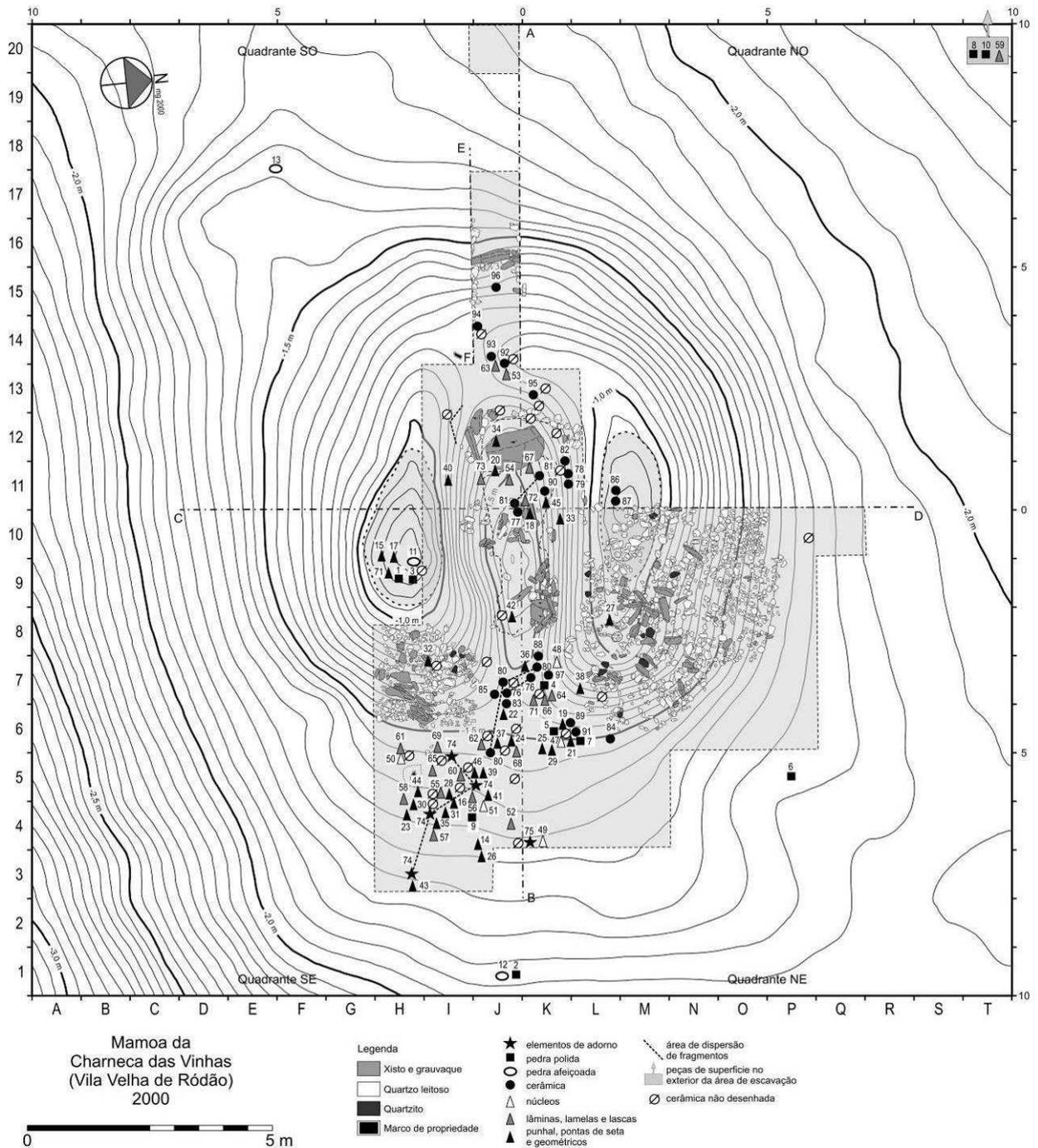


Figura 17. Distribuição dos materiais arqueológicos (peças desenhadas numeradas e fragmentos cerâmicos não desenhados) sobre planta do final da escavação.

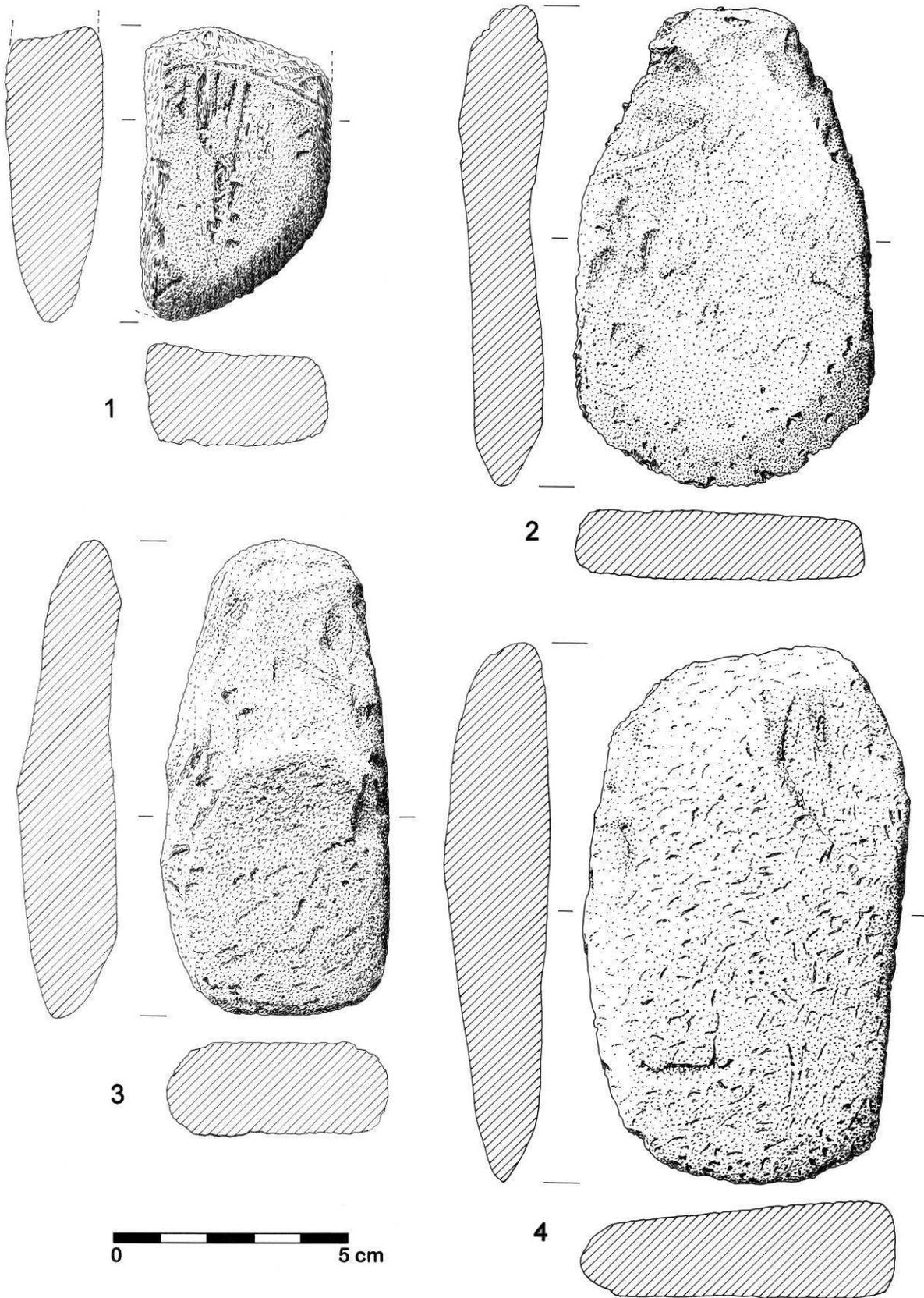


Figura 18. Pedra polida. Peças nº 1 a 4.

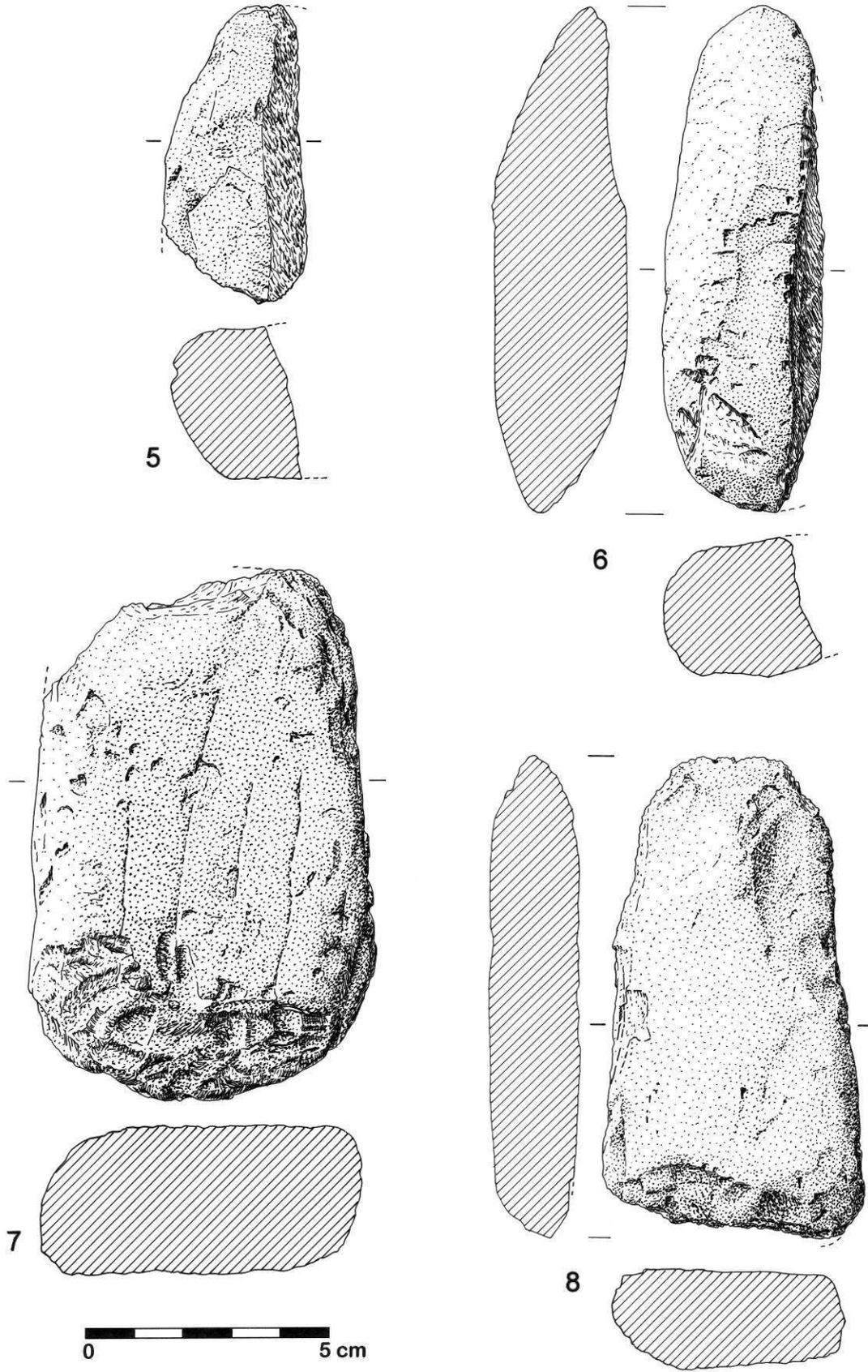


Figura 19. Pedra polida. Peças nº 5 a 8

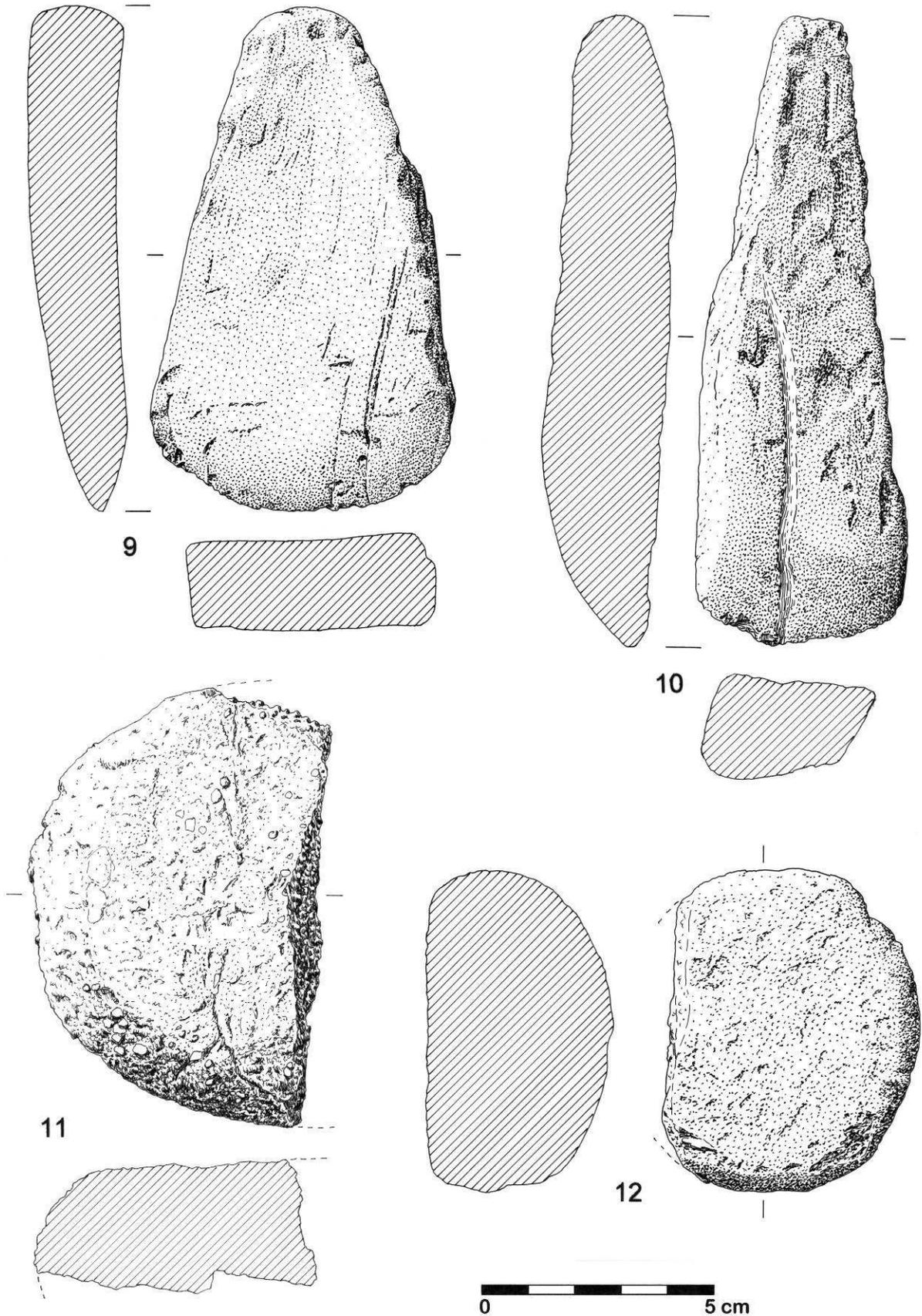
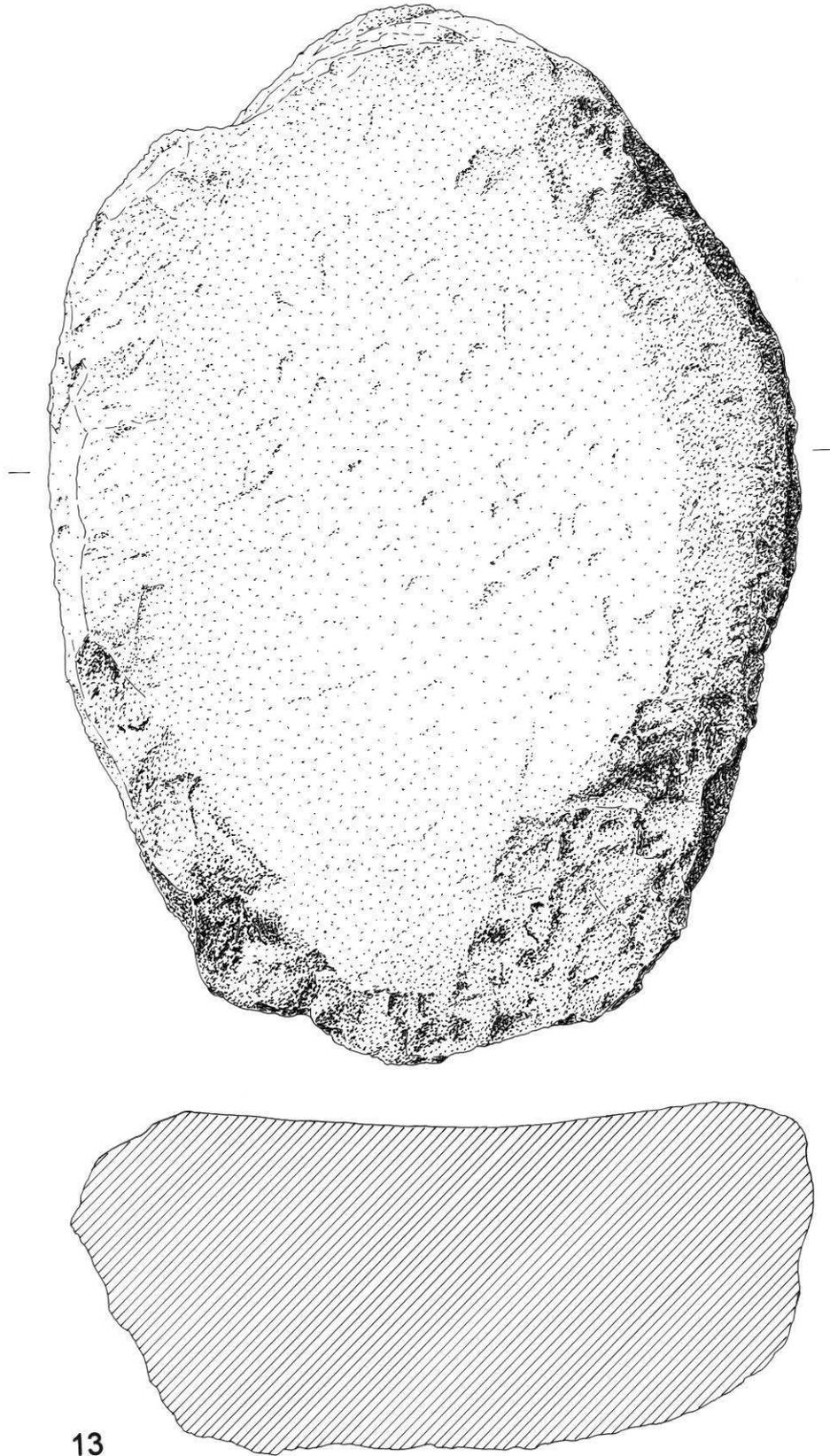


Figura 20. Pedra polida e pedra afeiçoada. Peças nº 9 a 12



0 5 cm

Figura 21. Pedra afeiçoada. Peça nº 13

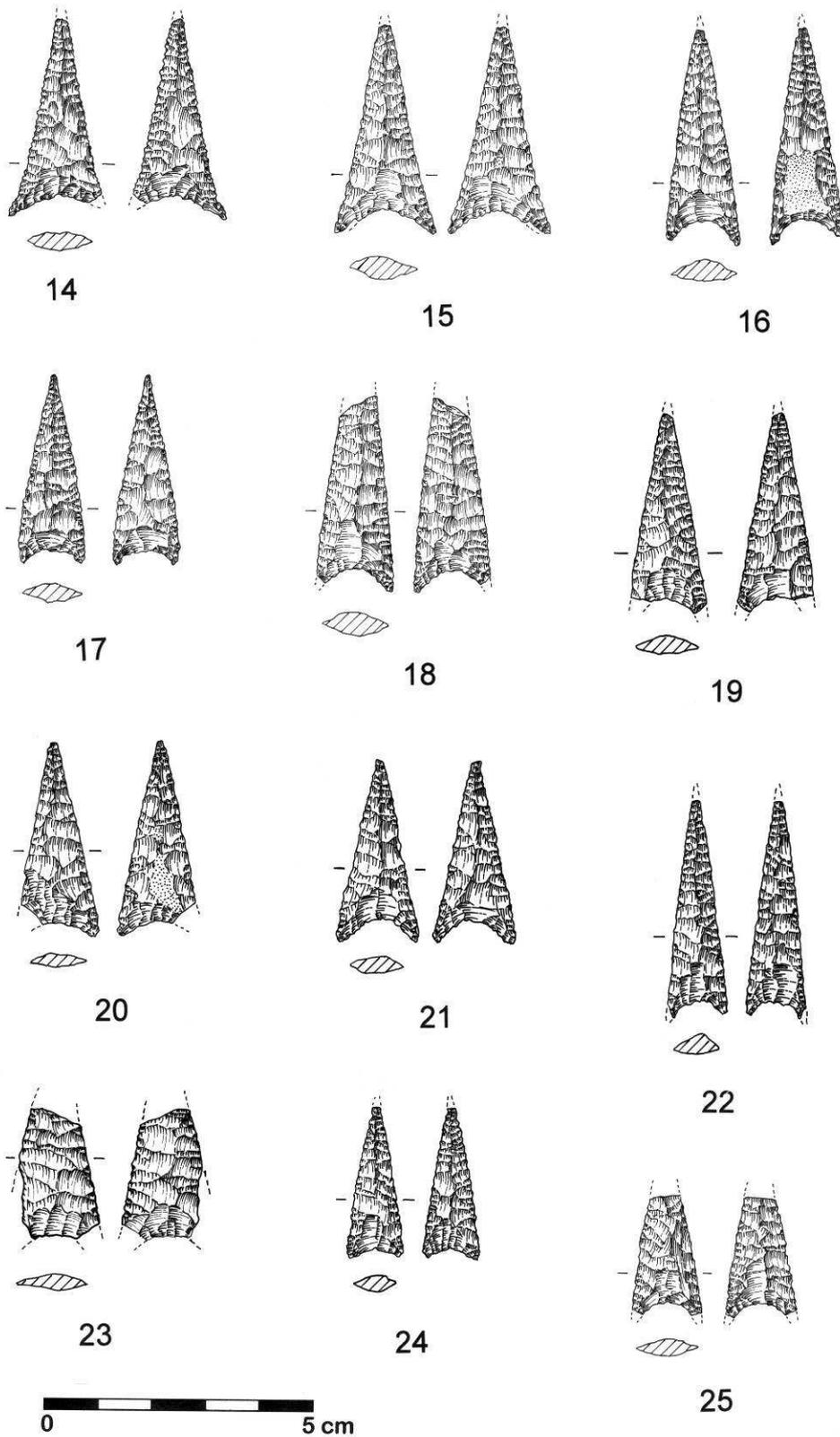


Figura 22. Indústria lítica. Peças nº 14 a 25.

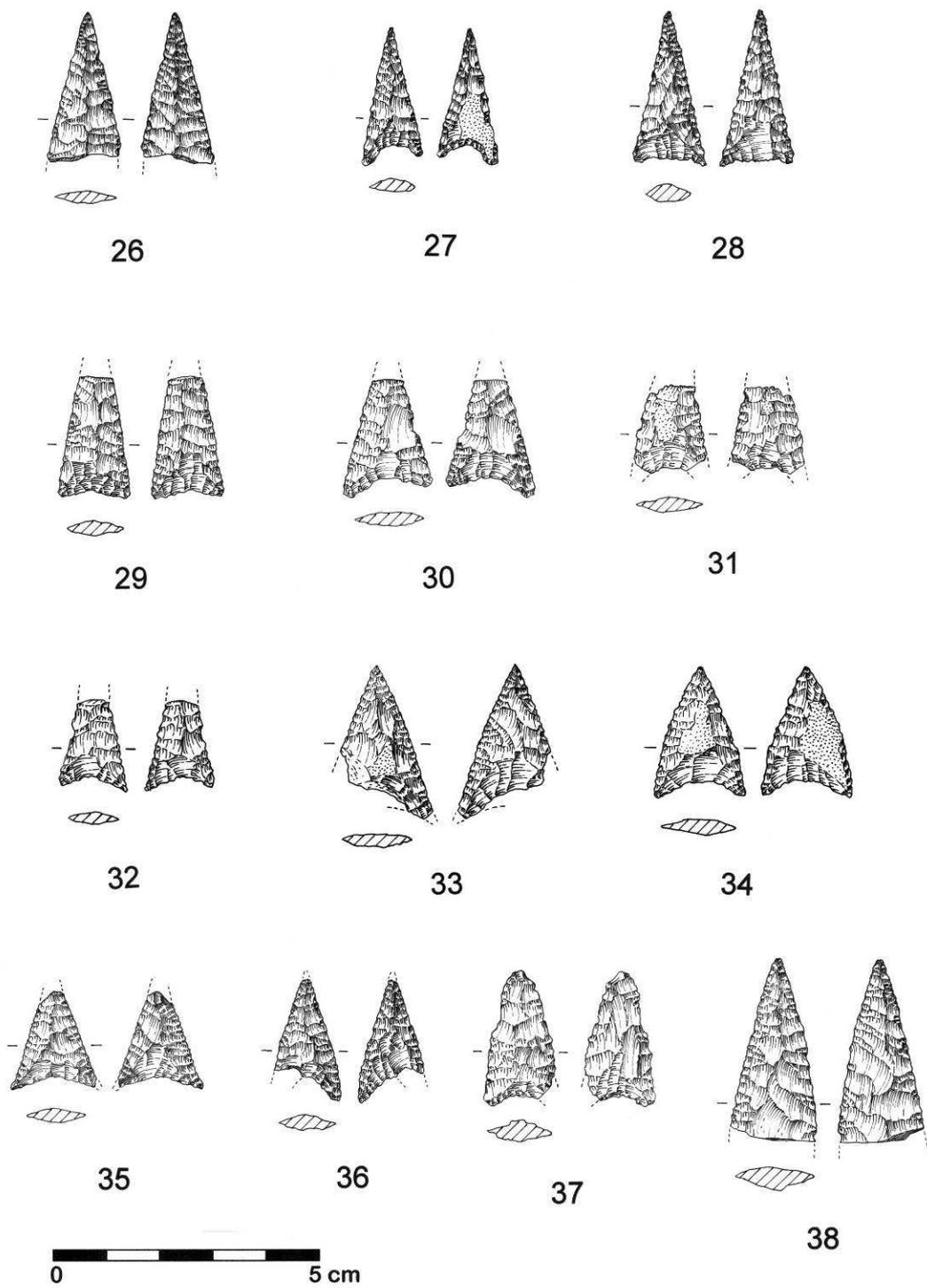


Figura 23. Indústria lítica. Peças nº 26 a 38

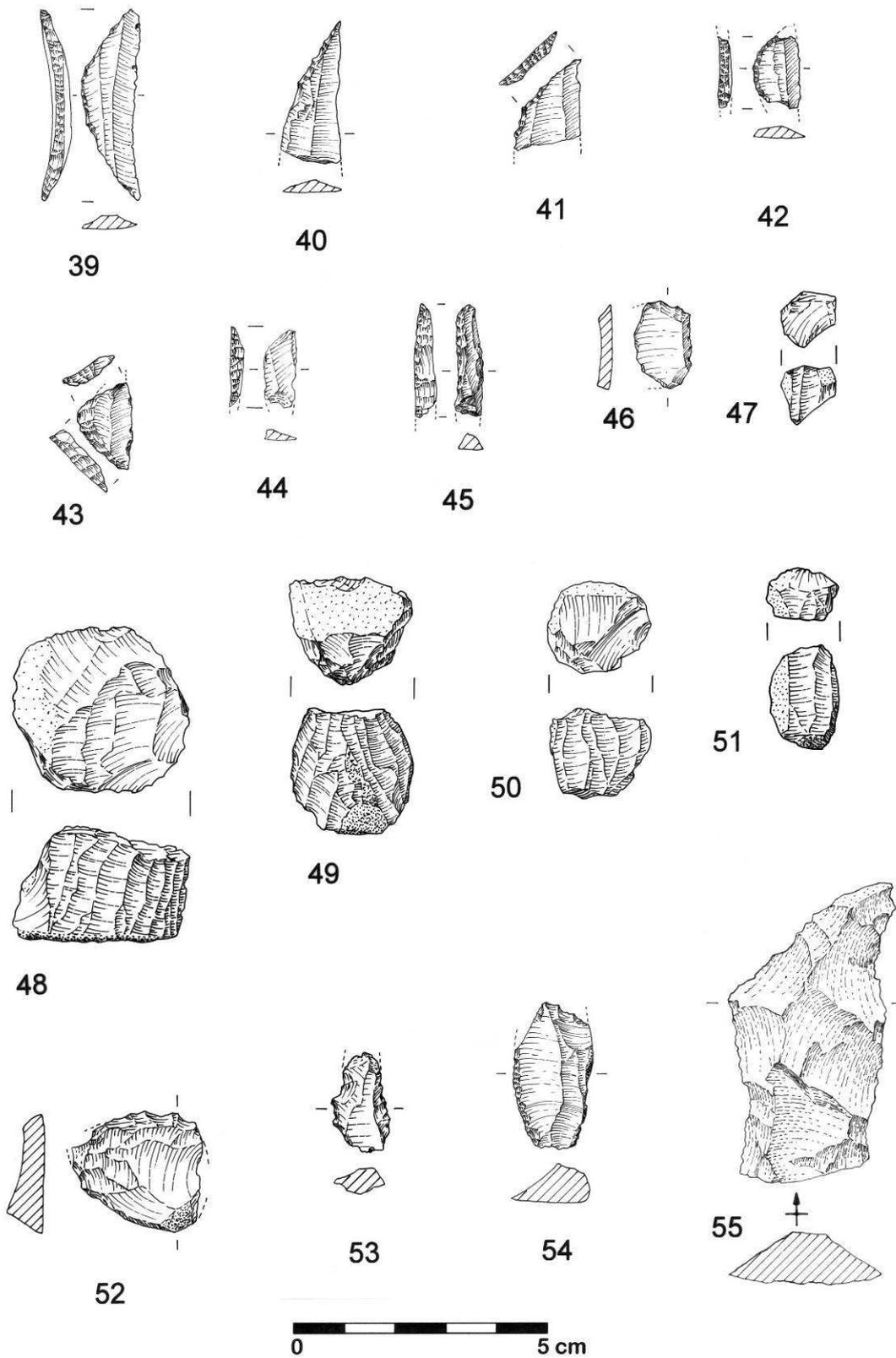


Figura 24. Indústria lítica. Peças nº 39 a 55.

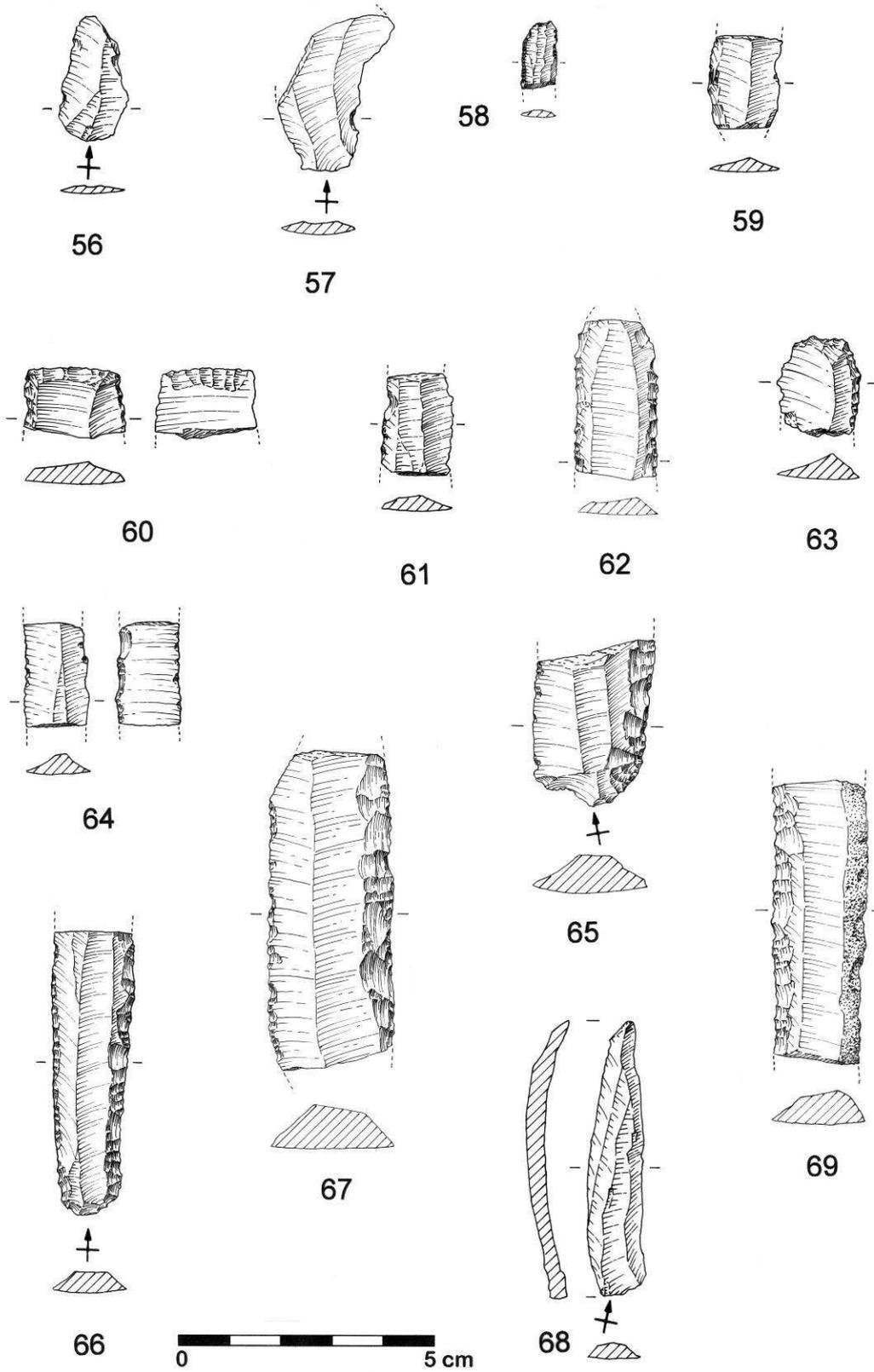


Figura 25. Indústria lítica. Peças nº 56 a 69.

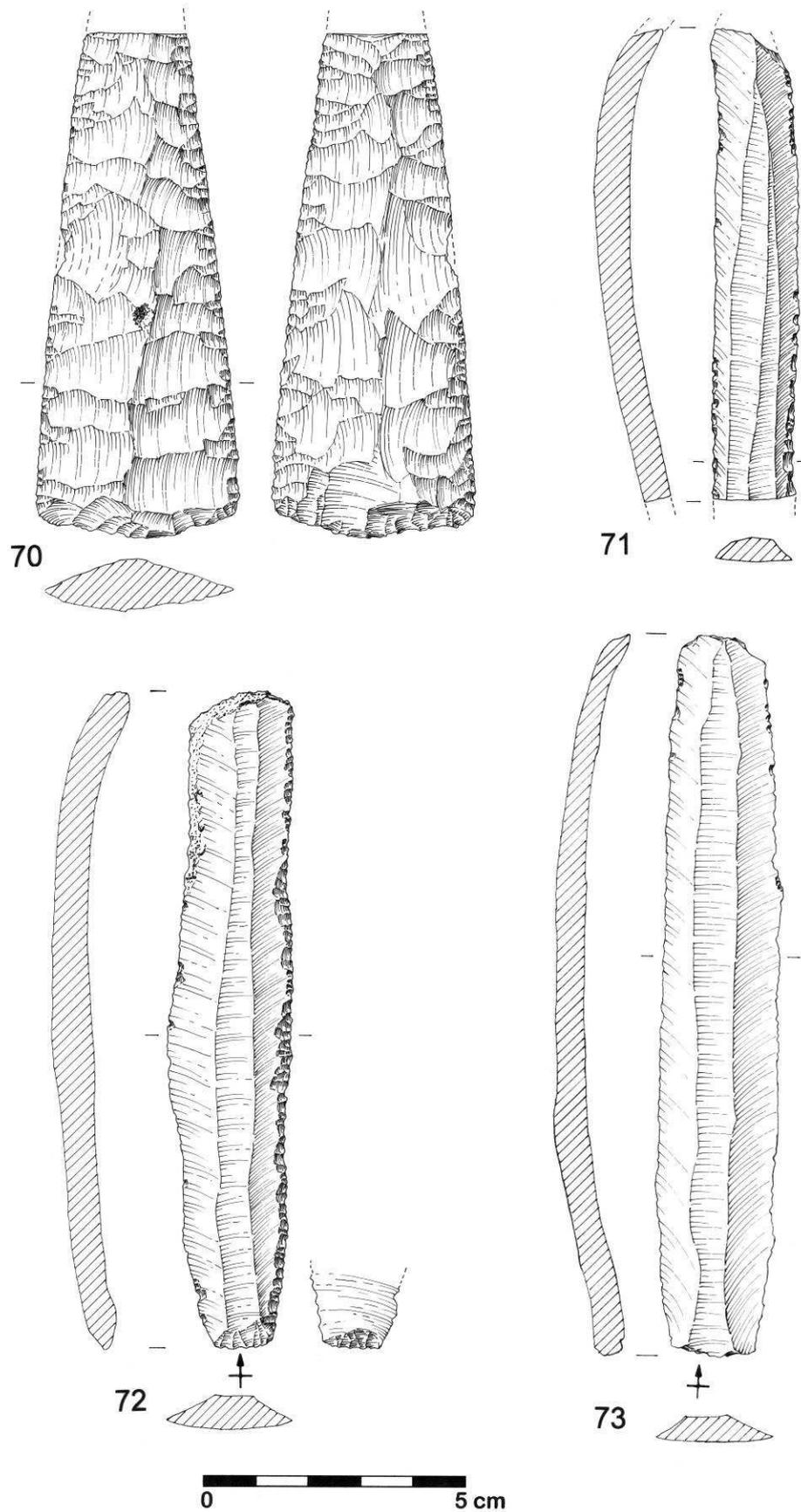


Figura 26. Indústria lítica. Peças nº 70 a 73.

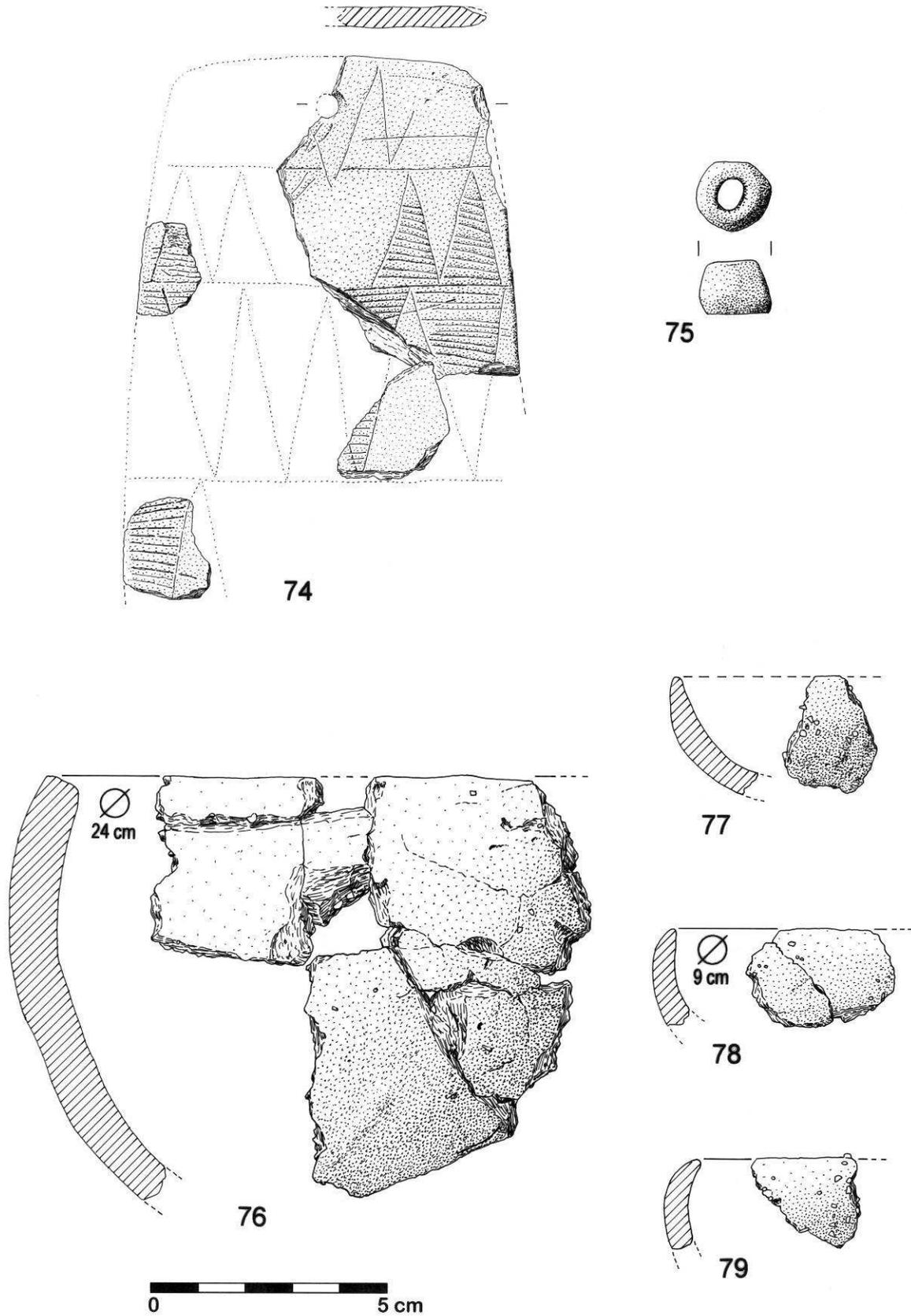


Figura 27. Artefacto ritual, elemento de adorno e cerâmica. Peças nº 74 a 79.

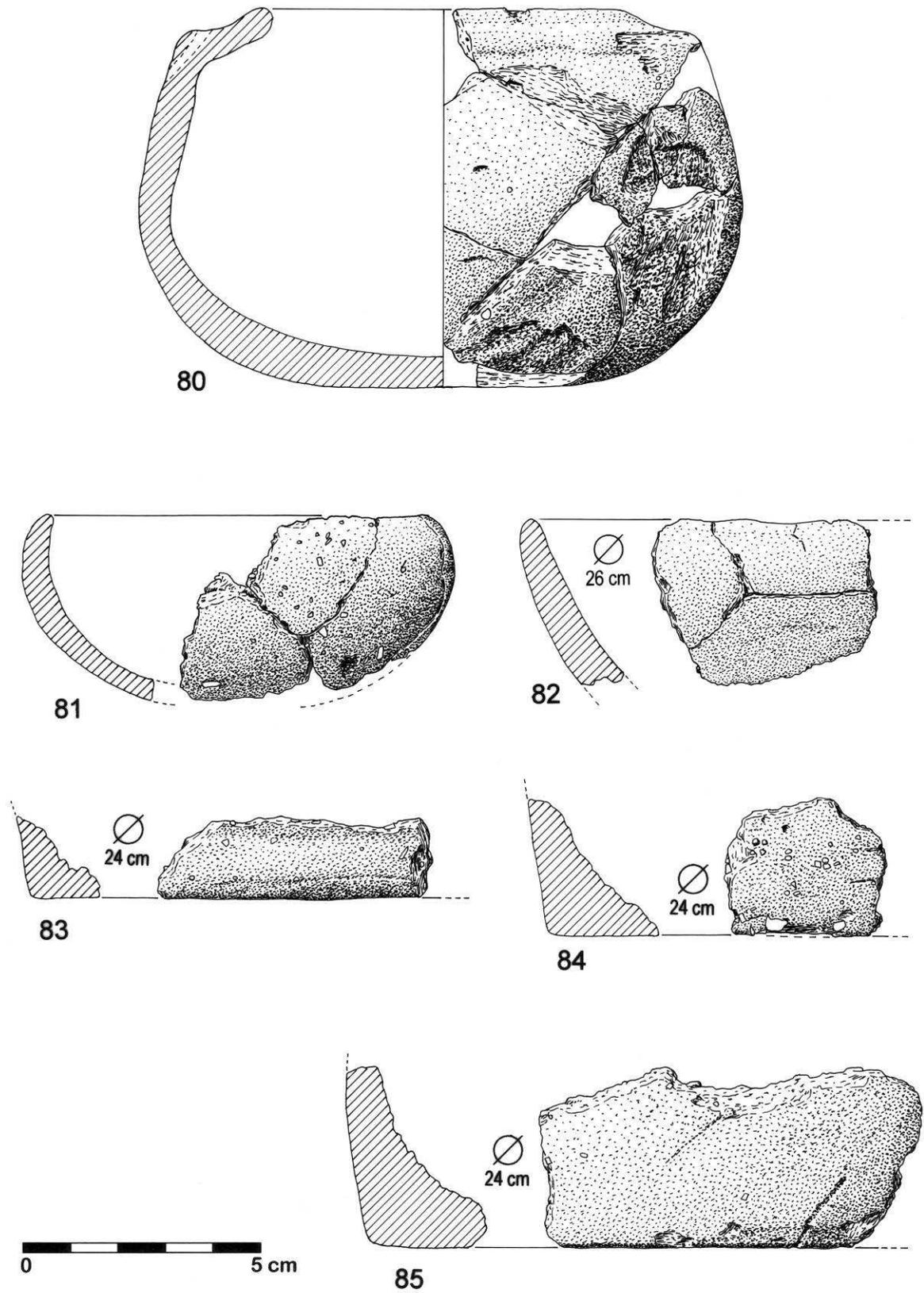


Figura 28. Cerâmica. Peças nº 80 a 85

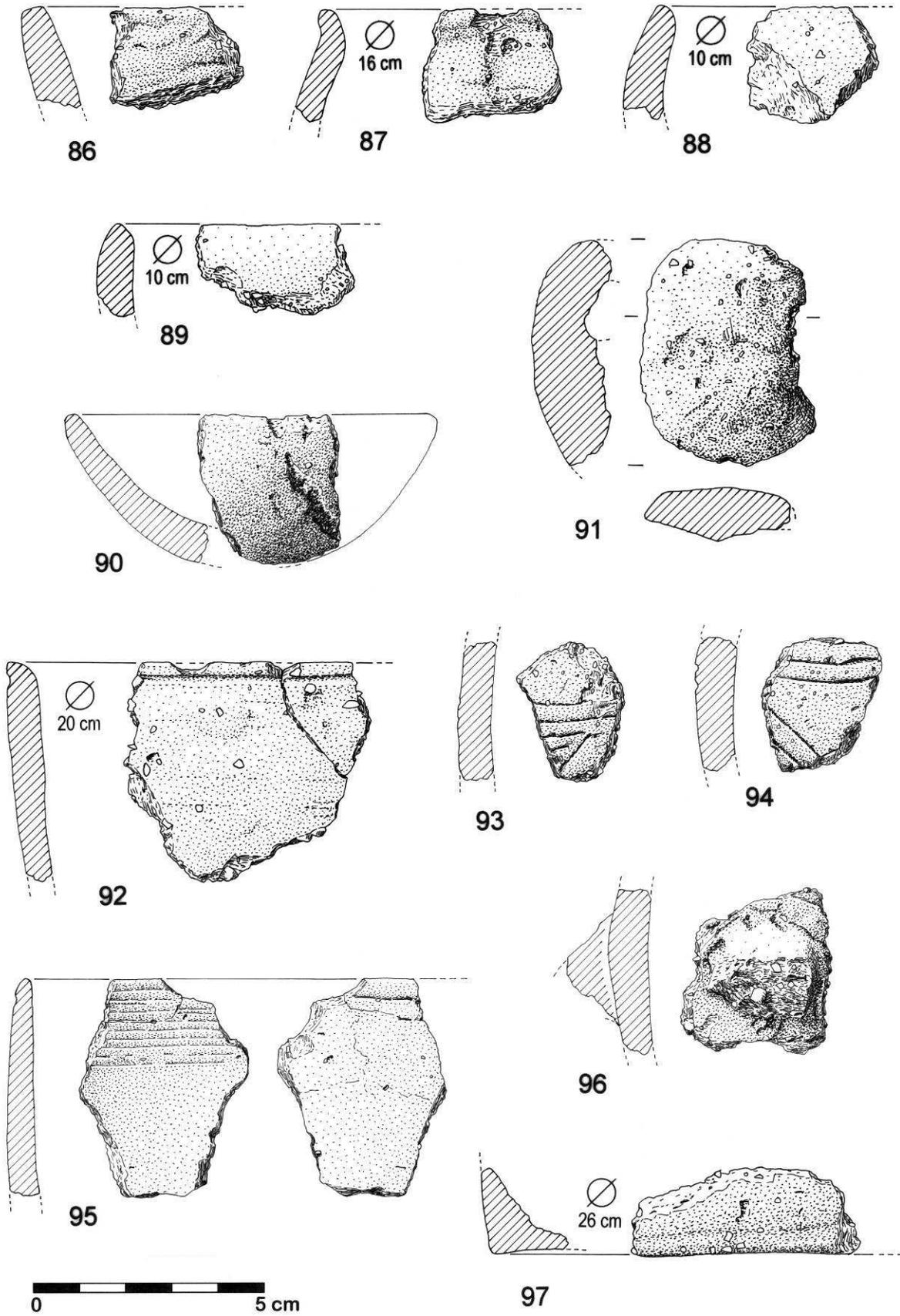


Figura 29. Cerâmica. Peças nº 86 a 97.

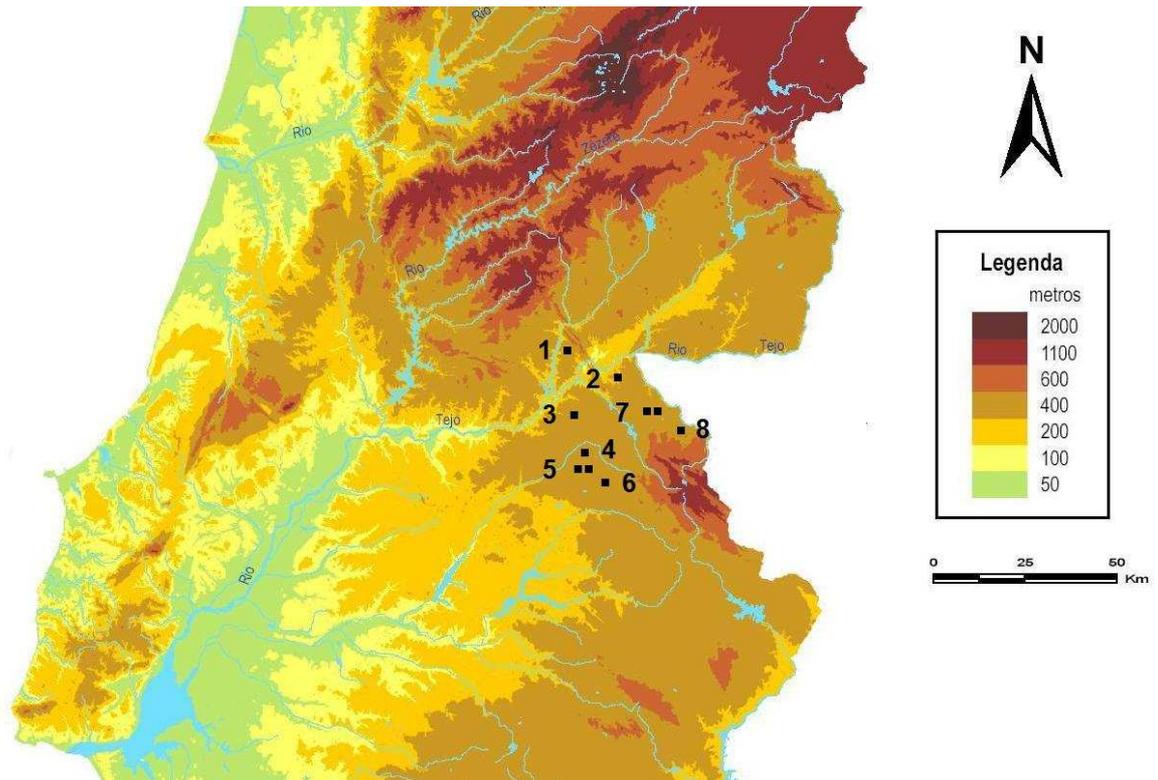


Figura 30. Distribuição de placas de xisto gravadas semelhantes à identificada na mamoa da Charneca das Vinhas (1- Charneca das Vinhas, 2 - Terra da Azinheira, 3 - São Gens, 4 - Tapada da Laje de Peles, 5 - Couto do Biscaia, 6 - Cabeça, 7 - Lameira e 8 - peça atribuída a monumento não identificado situado em Marvão ou em Castelo Vide).